

MARIA BERNADETE GARCIA BARAN DE OLIVEIRA

**MEDIAÇÃO CULTURAL:  
AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE**

JOINVILLE  
2010

MARIA BERNADETE GARCIA BARAN DE OLIVEIRA

**MEDIAÇÃO CULTURAL:  
AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville. Área de Patrimônio e Memória Social. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvia Sell Duarte Pillotto. Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirian Celeste Ferreira Dias Martins.

JOINVILLE  
2010



*DEDICO*

*Aos  
meus pais João  
e Emília e ao meu inesquecível  
filho Rodrigo que mesmo ausentes,  
suas lembranças e saudades deram muita  
inspiração.*

*Aos  
meus amados  
filhos Fernando e Alessandra  
que com carinho sempre me apoiaram.  
E principalmente  
ao meu companheiro e amigo  
Ricardo, que com sua presença, paciência,  
Incentivo e amor, tornou possível este momento. Obrigado!*



## *AGRADEÇO*

*A Professora  
Silvia Sell Duarte Pillotto,  
minha orientadora, que com paciência,  
interesse e motivação me acompanhou na elaboração desta dissertação.*

*A Professora Mirian Celeste Martins,  
minha co-orientadora, por suas sugestões.*

*A toda equipe  
do Museu de Arte de Joinville  
que possibilitaram que minha proposta fosse realizada.*

*Aos meus professores  
do Curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade,  
que com seu empenho buscaram transmitir seus  
conhecimentos e experiências.*



## MUSEU

*“Lugar onde você passa e pensa: preciso entrar aí um dia...  
Lugar em que você faz questão de entrar,  
Desde que fique em outro país.  
Lugar para você levar alguém que visita a cidade,  
Mas do qual você só lembra depois que o visitante foi embora.  
Lugar para passar o tempo até que passe a chuva  
(mas pensando bem, um cinema é melhor).  
Uma daquelas coisas para a qual você não tem tempo  
(mas não freqüentava mesmo quando tinha).  
Se você se enquadra em qualquer um destes casos, parabéns.  
Ao contrário de quem já sabe que visitar um museu  
É uma experiência fascinante,  
Você tem esta descoberta no seu futuro.  
Para descobrir, basta entrar da próxima vez que passar por ele.  
Mesmo que não esteja chovendo.”*

*Luis Fernando Veríssimo*

MEDIAÇÃO CULTURAL:  
AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE

**RESUMO**

Esta pesquisa teve como intuito articular as questões entre a Arte, a Cultura, a Escola e o Museu, com o objetivo de construir Proposta de Mediação Cultural para o espaço do Museu de Arte de Joinville – MAJ. Desta forma foi realizada Formação Continuada, tendo como meta desenvolver trabalho compartilhado entre mediadores (estagiários), educadores de museu e professores de Arte da Rede Pública Estadual de Educação de Joinville, Santa Catarina. Envolveram-se neste trabalho o MAJ; o Museu Casa Fritz Alt, a Galeria Victor Kursancew. A Formação Continuada foi realizada no MAJ, a partir de sete obras do seu Acervo, com vivências, processos de leitura e construção de material educativo. O público infantil foi o alvo dos estudos e construções de materiais educativos na Formação Continuada, uma vez que a maioria dos professores de Arte atuava com esta faixa etária. Além disso, a pesquisa mostrou que ações de Mediação Cultural para este público são bastante complexas e reduzidas nos espaços não-formais. Os Encontros realizaram-se nos meses de junho e agosto de 2009, totalizando três módulos de 21 horas. Os estudos centraram-se na interação entre os espaços formais e não-formais da educação, com o aprofundamento de questões referentes a Mediação Cultural e Ação Educativa, o papel do educador de museu e do professor de Arte neste processo, possibilidades de leitura de obras de Arte do Acervo do MAJ e construção de material educativo. As considerações dos participantes sobre as ações de Mediação Cultural sinalizaram a relevância da articulação entre os espaços formais e não-formais, incluindo nos currículos e nas Propostas Educativas dos Museus, atividades de preparação para as visitas de estudos e a continuação destas no contexto escolar. Para isso os participantes propuseram a qualificação de equipes de mediação nos espaços da escola e dos museus; a consideração do contexto sócio/cultural dos alunos/crianças; a construção de materiais educativos e lúdicos relativos aos objetos/obras expostas para públicos de diferentes faixas etárias e contextos. Além destas considerações é fundamental se levar em conta o respeito à diversidade, para garantir a verdadeira função destes espaços. Assim, a educação não-formal em espaços museológicos é de grande importância e necessária para a formação do conhecimento em Arte, consciência de cidadania e pertencimento, preenchendo uma lacuna entre comunidade, educação e museu.

**Palavras-chave:** Mediação cultural, Educador de museu, Formação continuada.

CULTURAL MEASUREMENT:  
EDUCATIONAL ACTION IN THE MUSEUM OF ART OF JOINVILLE

**ABSTRACT**

This research had as objective to articulate the questions between Art, Culture, the School and the Museum with the aim of building a Cultural Measurement Proposal for the Museum of Art of Joinville (MAJ). In this sense a Continuing Education was developed having as goal the development of shared work between the mediators (trainees), museum educators and art teachers of the State's Public Schools in Joinville, Santa Catarina. Were involved in the project the MAJ; the "Casa Fritz Alt" Museum, the Victor Kursancew Gallery. The Continuing Formation was done on MAJ starting with seven works from its collection, with experience, watching processes and construction of educational material. The children were targeted on the studies and construction of educational material in the Continuing Education since the majority of arts teachers acted with this age group. Beside that, the research showed that de Cultural Measurement actions for this public are very complex and reduced on non-formal spaces. The meetings took place on the months of June and August 2009, totalizing 3 modules of 21 hours each. The studies were focused on the interaction between the formal and non-formal education spaces, with the deepening of questions regarding the Cultural Measurement and Educational Action, the museum educator's paper and the Art teacher in this process, possibility of image watching on the works of Art of the MAJ's collection and construction of educational material. The considerations of the participants about the Cultural Measurement actions signalized the importance of the articulation between the formal and non-formal spaces, including on the resumes and the Educational Proposals of the Museums, activities of preparation for the study visitations and the continuity of those in the school context. With this objective the participants proposed the qualification of mediation teams on the school and museum spaces; the consideration of the social/cultural context of the children/students; the construction of educational and ludic material related to the objects/works exposed to public of different age groups and contexts. Beside these considerations it is fundamental to take into account the respect to diversity, to warrant the true function of these spaces. Thus, the non-formal education in museum spaces is of great importance and needed for the formation of knowledge in Art, conscience of citizenship and belonging, filling a gap between community, education and museum.

**Keywords:** Cultural measurement, Museum educator, Continuing education.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1.PATRIMÔNIO CULTURAL E MUSEUS</b> .....	15
1.1 PATRIMÔNIO CULTURAL .....	15
1.2 MUSEUS .....	19
1.3 CONTEXTUALIZANDO O MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE.....	23
<b>2. AÇÃO EDUCATIVA EM MUSEUS DE ARTE</b> .....	29
2.1 MEDIAÇÃO CULTURAL .....	30
2.2 AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE .....	35
2.3 EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL .....	39
2.4 O MEDIADOR/ EDUCADOR DE MUSEUS .....	41
<b>3. FORMAÇÃO CONTINUADA: PROPOSTA DE MEDIAÇÃO CULTURAL</b> .....	46
3.1 PESQUISA DE CAMPO .....	47
3.1.1 Análise do questionário/diagnóstico .....	49
2 PLANEJANDO/PREPARANDO A FORMAÇÃO.....	53
3.2.1 Construção de Identidades .....	61
<b>3.3 FORMAÇÃO</b> .....	65
3.3.1 Iniciando o trabalho .....	65
3.3.2 Processos de leitura .....	67
3.3.3 As propostas.....	71
3.3.4 Refletindo sobre as propostas.....	80
3.4 AVALIANDO O PROCESSO .....	82
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	89
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	92
<b>APÊNDICES</b> .....	97



APÊNDICE A - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO .....	98
APÊNDICE B - MATERIAL DIDÁTICO .....	99
APÊNDICE C - INSTRUMENTO AVALIATIVO .....	110
<b>ANEXOS</b> .....	<b>111</b>
ANEXO A -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	112
ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM .....	113



## INTRODUÇÃO

A presente dissertação “Mediação cultural: ação educativa no Museu de Arte de Joinville” é resultado das percepções e vivências desta pesquisadora, enquanto professora de Arte e acadêmica do Curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Vale ressaltar que o projeto de pesquisa desta dissertação, passou por todos os trâmites legais, a exemplo, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

O campo de pesquisa desta dissertação foi o Museu de Arte de Joinville (MAJ), por sua relevância histórica, artística e cultural, bem como por ser um espaço patrimonial local. Neste sentido, a pesquisa poderá contribuir no que se refere às questões relacionadas a mediação cultural, especialmente nos aspectos conceituais e metodológicos.

Foi constatado na realização do projeto de Extensão Universitária e na pesquisa de Iniciação Científica uma lacuna com relação a um trabalho de mediação específico para o público infantil e juvenil. Verificou-se também que na maioria das vezes os estudantes visitam as exposições apenas levados pelas escolas. Reflete-se com isso uma fragilidade e principalmente a inexistência de uma parceria entre os espaços formais e não-formais de educação, além da ausência de Políticas Públicas que dêem sustentação à concretização de ações educativas compartilhadas.

A problemática diz respeito aos espaços museológicos, aqui mais especificamente o Museu de Arte de Joinville. Esses espaços agregam proposta de mediação cultural a suas ações educativas? É levada em conta a faixa etária e o grau de conhecimento dos estudantes/visitantes que freqüentam esses espaços?

Para essas duas questões, a proposição é de que: a formação continuada pode contribuir nesse processo. Ou seja, essa ação, em nosso ponto de vista, ajuda nos processos compartilhados entre museu e escola e na construção de propostas de mediação cultural, prevendo um público diversificado e que soma histórias, vivências, saberes e conhecimentos, também diferentes.

Identificou-se que a parceria do museu com a escola acontece mais efetivamente como processo de acolhimento e de forma ainda reduzida como espaço de conhecimento. O espaço cultural é cedido às escolas e estas, algumas vezes utilizam o museu para realizar passeios em um local “diferente” ou um “outro pátio para brincar”. Fica então presente na memória destes estudantes, praticamente o passeio de ônibus e as brincadeiras que ocorreram no percurso escola-museu e vice-versa. O prazer e o lúdico fazem parte deste processo, no entanto a relação museu-escola pode para além desses sentimentos, contribuir para a construção de conhecimento, saberes, pertencimento e reconhecimento/valorização da cultura local.

Desta forma, a dissertação ora apresentada busca refletir sobre as múltiplas representações sociais, norteando os estudos sobre: memória, identidade, arte, mediação e cultura, com o objetivo de construir proposta de mediação cultural para o espaço do MAJ.

Para que a proposta fosse concretizada, foi realizada formação continuada que ocorreu entre junho a agosto de 2009. E para sua realização foram convidados os estagiários das unidades da Fundação Cultural de Joinville (FCJ), Museu Casa Fritz Alt, Galeria Municipal de Arte Victor Kursancew, educadores de museus, e também professores de arte da Rede Pública de Educação do Estado (que estivessem lotados nas escolas da periferia de Joinville), indicados pela Secretaria de Educação de Joinville, perfazendo um total de doze envolvidos. O objetivo foi o de pensar numa proposta de ação com foco na interação entre os espaços formais e não-formais da educação em mediação cultural.

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa como um todo, tendo como foco a pesquisa-ação. Com observações *in loco*, questionários e diálogos informais, o que também contribuiu na construção da formação continuada. A participação de todos os envolvidos para a resolução de um ou mais problemas, comprovados inicialmente, caracteriza também como pesquisa-ação participativa e colaborativa.

O processo metodológico da formação resultou em vivências, leituras e proposta de material educativo com enfoque lúdico, articulando educação, arte e patrimônio cultural, tendo como referência as propostas fundamentadas por Ott

(1997) aquecimento/sensibilização e as cinco categorias<sup>1</sup> para a leitura crítica em museus: descrição, análise, interpretação, fundamentação e revelação.

Balizadora das ações, teórico-práticas desenvolvidas na trajetória de investigação e ações, o estudo buscou provocar o diálogo sobre o patrimônio cultural material e imaterial (tangível e intangível).

Para uma melhor compreensão do que trata esta dissertação, faz-se necessário elencar os capítulos que abordam questões que sustentam as ações teórico/práticas do objeto de estudo investigado.

O 1º CAPÍTULO apontará questões referentes ao patrimônio cultural e museus, no intuito de definir e distinguir conceitos referentes à tradição, a cultura e a sociedade. Serão contempladas questões sobre os museus e um breve relato dos museus de arte e a ausência de um público espontâneo nesses espaços. Neste sentido, vale contextualizar o Museu de Arte de Joinville, campo de pesquisa, para situar o leitor em um tempo e espaço, elementos básicos para a compreensão histórica do espaço arquitetônico, paisagístico e do acervo deste museu.

No 2º CAPÍTULO será dado destaque a ação educativa nos espaços dos museus de arte e seu importante papel na interação social e inclusão cultural dos sujeitos. Essa participação, numa construção efetiva de identidades é alcançada também por meio da mediação cultural, que envolve o mediador cultural, os objetos/obras de arte, os espaços museológicos, a escola, e o público. Essa interação poderá suprir a falta de propostas para mediação cultural e a dificuldade de efetivar e manter parcerias entre instituições formais e não formais. Nesse capítulo o papel do educador/mediador de museus é destacado como propositor de relações significativas com os estudantes/público visitantes. Também a educação não-formal é aqui realçada nos espaços culturais, no qual o pertencimento<sup>2</sup> sociocultural é ampliado e/ou construído durante as atividades propostas pelo educador/mediador.

No 3º CAPÍTULO serão socializadas ao leitor, informações coletadas a partir de diagnóstico/questionário, entrevistas, observação *in loco*, realizadas no MAJ e ampliação da literatura referente ao objeto investigado. Nesse capítulo serão apresentadas as proposições educativas em mediação cultural, construídas na

---

<sup>1</sup> Categorias – termo utilizado para determinadas estratégias que possuem relações estreitas entre si.

<sup>2</sup> Pertencimento - termo designado por Max Weber, como “[...] interesses com idêntica motivação” (WEBER, 1973, p.140).

formação continuada, no sentido de possibilitar propostas compartilhadas e interdisciplinares.

Essa é uma ação fundamental para que os espaços formais e não-formais da educação se consolidem e cumpram seu papel, também educativo. O capítulo reitera a importante relação entre museu e escola, elencando benefícios aos estudantes/visitantes. Neste capítulo é considerada a socialização e reflexão sobre a avaliação realizada durante e ao final da formação continuada com relação aos processos da ação educativa no MAJ, tendo como referência as falas dos participantes envolvidos. Será dado destaque também a análise do material educativo construído pelo grupo a partir do acervo do MAJ. Finalizando, de forma coletiva, será apresentada proposta educativa em mediação cultural, que forma um conjunto de ações, reforçando o conceito de mediação cultural como processo na interação do público com a obra/objeto de arte.

Esta dissertação, portanto, pode servir de referência a outro espaço museológico, que pense em ações compartilhadas e significativas, articulando educação, patrimônio cultural, arte, identidades, cultura e mediação cultural.

## 1.PATRIMÔNIO CULTURAL E MUSEUS

*Museu de Arte como espaço da construção de patrimônio cultural, laboratório de experiências artísticas que provoquem a percepção, o resgate do olhar e a experiência estética.*  
Maria José Justino

O patrimônio histórico e artístico de um povo sinaliza uma sociedade atuante do passado, em um determinado período histórico, com valores e ideais, que é revivido quando exposto a apreciação/reflexão de uma comunidade. Também tem papel de indicador cultural de uma nação, e, contrário à globalização, possibilita aos cidadãos, sem distinção, a autonomia, a sensibilidade e conseqüentemente um olhar mais apurado sobre o contexto sociocultural, resultando na construção das identidades e o pertencimento social.

Os espaços museológicos cumprem importante papel no que se refere à educação não-formal e a pesquisa. Questões como estas tem permeado toda a trajetória da construção da proposta de mediação cultural, que de certa forma, preenche uma lacuna existente entre comunidade, educação e museu.

### 1.1 PATRIMÔNIO CULTURAL

O termo patrimônio cultural gera nos indivíduos dificuldades de compreensão por sua abrangência. Pode-se, definir patrimônio cultural como objetos e manifestações simbólicas, que reconhecem e caracterizam uma cultura, uma sociedade e um grupo social. Magalhães (2005, p.14), compreende que o patrimônio é constituído de tudo “[...] o que considera como seu patrimônio, como educa, socializa e encultura os seus descendentes”. O autor observa que o conceito de patrimônio remete “[...] a questão da memória, âncora que dá substância ao

sentimento subjetivo de pertença” (MAGALHÃES, 2005, p.22). São os códigos de referência às lembranças, nos quais os indivíduos aceitam, participam e identificam-se entre si. Conforme Nora (1993, p.17-18) “[...] obriga cada um a se relembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade”.

O patrimônio cultural identifica e reitera os valores éticos, estéticos, artísticos e culturais da sociedade contemporânea, para uma democratização cultural, um exercício pleno de pertencimento sócio-cultural, de crianças e jovens em formação. Constitui-se por “[...] legados construídos, testemunhos de outros tempos [...]” (MAGALHÃES, 2005, p.23). Indicam características, de uma sociedade ímpar: a sua diversidade cultural, expressão oral, formas de viver e criações científicas, para a memória, a identidade, a inventividade dos indivíduos de um local ou uma nação.

Conforme o artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil, “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 2003, *web*).

O patrimônio tangível e intangível refere-se à existência e ação humana em uma sociedade do passado/presente, nas formas de expressão da cultura, objetos, artefatos, arte e arquitetura, pertencentes ao patrimônio cultural. Para Cabral (*apud* LAGES; BRAGA; MORELLI, 2004, p.140-141) “[...] terá sempre como referência sua relevância para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.”

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) define patrimônio cultural

[...] a partir de suas formas de expressão; de seus modos de criar, fazer e viver; das criações científicas, artísticas e tecnológicas; das obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e dos conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (IPHAN, 2008, *web*).

O passado e o presente nos transportam com a sua integração, “[...] o patrimônio permite que se veja a tradição como fios invisíveis que costuram um

espaço-tempo” (KERSTEN, 2000, p.41). São histórias vivas que nos dizem quem somos a partir do que outros foram esses “[...] costumes, rituais, instituições, objetos e sentimentos (materiais e simbólicos) que circundaram a vida individual e coletiva da comunidade” (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p.17).

A tradição de uma vivência socialmente compartilhada como uma “tradição viva” possibilita “[...] tornar singular e única uma dada comunidade relativamente às outras” (DA MATTA, 1987, p.49). O autor define deste modo tradição, como a repetição de uma prática apreciada e realizada por um grupo social, afirmando que

[...] cada sociedade corresponde uma tradição cultural que se assenta no tempo e se projeta no espaço. [...] dado o fato de que a cultura pode ser retificada [...] ela pode sobreviver à sociedade que a atualiza num conjunto de práticas concretas e visíveis (DA MATTA, 1987, p.50).

Da Matta (1987) estabelece a tradição cultural, como indicador de uma sociedade que existiu, citando como exemplo, a sociedade do Egito Antigo, que mesmo com o seu término, foi possível estudá-la, apreciá-la e pesquisá-la. Isso se dá a partir de elementos materializados em pirâmides, objetos funerários, religiosos, decorativos e outros que estabelecem significados a esta sociedade. E caso não houvesse a “cristalização material”<sup>3</sup> desta sociedade, provavelmente, não se saberia sequer de sua passagem na história.

Diferente de cultura, sociedade pode ser definida como a existência de um grupo organizado de indivíduos, que agem como conjunto, a partir de códigos constituídos. Esta diferença é explicada como duas partes de um todo, pois “[...] *pode haver cultura sem sociedade, embora não possa existir uma sociedade sem cultura*”<sup>4</sup>. Uma se reflete na outra, uma é espelho da outra, mas nunca uma pode reproduzir integralmente a outra” (DA MATTA, 1987, p.50).

As culturas podem ser compreendidas como produção ativa de sentidos e a influência mútua em uma coletividade ou mesmo de alguns grupos que se identificam num mesmo contexto social. Oliveira (2000, p.156) refere-se à produção

<sup>3</sup> “Cristalização material” – Da Matta relaciona aos objetos e/ou expressão real e concreta de uma cultura (1987, p.50).

<sup>4</sup> Grifo do autor.

artístico-cultural como “[...] um documento vivo da história da humanidade”, como apontadores sociais, nos quais os ideais e os valores são corporificados e reconhecidos em uma comunidade, bem como construídos e disseminados.

O efeito da globalização nas sociedades atuais trouxe a preocupação que norteia o patrimônio cultural das sociedades locais, pois o indivíduo não é apenas um produto de sua época, ele age sobre o próprio contexto cultural, produzindo significados, criando e estabelecendo identidades. Mas a grande preocupação é que atualmente está ocorrendo um “[...] empobrecimento da experiência [...] do próprio indivíduo, que [...] não se reconhece mais como sujeito da história, imerso na cultura, criado por ela e também criador de cultura” (CARVALHO, 2005, p.133). Giddens (*apud* HALL, 2006, p.15) esclarece que um dos principais agentes desta crise de identidades, de transformação e ruptura são os meios de comunicação que “[...] atingem virtualmente toda a superfície da terra.” Desta forma ocorre uma homogeneização da cultura, transformando a cultural nacional, com suas diversas características regionais, em uma cultura global.

Alguns teóricos culturais argumentam que a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando ao colapso de *todas* as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural [...] (HALL, 2006, p.73-74).

Alienar, romper, desintegrar, fragmentar e enfraquecer, não são somente palavras que ouvimos hoje, mas o modo de vida imposto pela globalização. Esta falta de consciência é uma característica e consequência do modo alienado do indivíduo e seu distanciamento das tradições culturais. Para Hall (2006, p.58) são três os significados que evoca como cultura nacional “[...] uma “comunidade imaginada”: as *memórias* do passado; o *desejo* por viver em conjunto; a perpetuação da *herança*<sup>5</sup>”. Esta desestabilização social e cultural é evidenciada pelo autor, quando relata sobre a “crise de identidades” que em todo o mundo está

---

<sup>5</sup> Grifo do autor

ocorrendo, pois “[...] as velhas identidades [...] estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (HALL, 2006, p.07).

Verifica-se, portanto, a importância da educação com a relação da comunidade com os museus, seus patrimônios e as identidades. “Deve-se elevar a cultura do povo!” (MAIAKOVSKI *apud* TURINO, 2006, *web*).

## 1.2 MUSEUS

Museus para Magalhães (2005, p.11), são “[...] guardiões da memória cultural de uma comunidade, detentora de características únicas [...]”. Nora (1993, p.17) os define como “lugares de memória”, relacionando-os como ambientes ou locais que a sociedade disponibiliza a comunidade. Nora (1993) enfatiza a função do museu como espaço que acolhe imagens, símbolos, enfim, códigos de referência às lembranças, nos quais os indivíduos se apropriam, participam e identificam-se entre si.

O museu é uma instituição permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva, pesquisa, expõe e divulga as evidências materiais e os bens representativos do homem e da natureza, com finalidade de promover o conhecimento, a educação e o lazer (IPHAN, 2008, *web*).

Os espaços museológicos, protegem, preservam e divulgam suas coleções, e os objetos, que possuem, além do valor material do qual foi feito, valores impregnados da trajetória de uma civilização. Como uma das áreas culturais, os museus são espaços culturais que expõe a materialização das produções simbólicas, de uma comunidade local e/ou nacional, que se identificam. Portanto, o museu pode ser um local que promove a dinamização do conhecimento do processo histórico-cultural do país e um espaço de histórias. Os museus como espaços “públicos” possibilitam, em suas concepções básicas, o acesso à ampliação do

repertório artístico-cultural da comunidade e dos diferentes grupos que entram em contato com as instituições culturais.

Um número representativo de freqüentadores de museus são os estudantes, que são levados geralmente pelas instituições escolares, a fim de viabilizar uma educação sensível, que desenvolva a autonomia, a sensibilidade e conseqüentemente um olhar mais crítico sobre o contexto sócio-cultural em que vivem.

Conforme Magalhães (1985) o museu é um dos indicadores culturais de uma nação, disponibilizando a comunidade e as gerações futuras o entendimento e o pertencimento. Estas riquezas culturais de um povo tornam-se menções culturais do passado, e, são fontes de inspiração para propostas criativas no presente e no futuro que, portanto, devem ser disponibilizadas a todos sem distinção, como um direito de todo o cidadão a uma democratização cultural.

Para Höge (2000, p.58) estes “[...] espaços culturalmente distantes”, são representações sociais que vêm de longa data, pois inicialmente os museus “[...] tinham apenas a função de armazém, ou seja, as obras de arte eram guardadas num lugar sagrado ou num lugar seguro, seguro contra roubos, contra climas adversos”. Locais onde armazenavam as obras de arte e os objetos de cultura, locais restritos a elite da época.

Os objectos sagrados estavam disponíveis apenas para um círculo restrito de pessoas e os objectos não tinham a função estética que nós agora damos por certo quando entramos num museu. O Museu de Alexandria - uma casa que foi dedicada às Musas – tinha a função adicional de biblioteca, aberta aos teólogos e cientistas daquele tempo (HÖGE, 2000, p.58).

Para os romanos essas casas indicavam além de suas posses financeiras o poder, e segundo Grassi (*apud* HÖGE, 2000, p.58) “[...] aqui pela primeira vez foi apresentado o pedido de as tornar num lugar público”. Estes espaços, passaram a realizar essas funções, de exposição aberta ao público em geral, com períodos específicos e datas pré determinadas. Ainda segundo HÖGE ( 2000, p.58-59).

[...] depois de se terem criado esses armazéns e de se ter concedido

acesso ao público, a sua função alterou-se consideravelmente. A maioria, se não todas estas instituições, têm de cumprir determinadas tarefas relativas à educação geral do público. [...] Foram precisos mais uns séculos para se considerar que gênero de relação efectiva se deve estabelecer entre a apresentação de obras de arte e os receptores.

Porém esta função, de educação museal, foi realizada muito tempo depois da criação do Museu Britânico que data de 1759 e do Museu do Louvre criado em 1793. Segundo Leite; Osteto (2004) o Museu do Louvre, em 1880, inicia o primeiro serviço educativo para estudantes/visitantes. A conscientização da função educativa dos museus ocorre no Brasil em 1990.

Constatou-se que a marginalização social do público que estabelece a relação de que “os museus são locais exclusivo de uma elite”, ainda ocorre em alguns espaços de cultura. Este grupo social, “não se sente parte” desse contexto, “sentem-se à margem” pois,

[...] para grande parte da população brasileira, os museus são espaços culturalmente distantes, que pouco ou nada têm a acrescentar a suas vidas da forma como vêm se apresentando. Por outro lado, podemos também levantar a (dura) hipótese de que os museus desconsideram tais grupos como possíveis visitantes (CURY; CABRAL, 2006, *web*).

Em contrapartida essa marginalização social é reforçada pela falta de políticas institucionais, que levem em conta a diversidade social e cultural, a exemplo a ausência de articulação das instituições de educação formal e da educação não-formal ou do museu e da escola<sup>6</sup>.

Para que mudanças acontecessem na visão da coletividade para com os Museus de Arte surgiu a necessidade de ativar estes espaços de informação, conhecimento, entretenimento e cultura, tornando-se mais atrativos e dinâmicos, com propostas de ações educativas.

Atualmente os Museus de Arte quando propõem uma exposição, evidenciam

---

<sup>6</sup> Ocorre em alguns espaços culturais de Joinville.

em seus espaços expositivos, novas formas “de ver o mundo” e de relacioná-lo com seu contexto social, isto é, as obras/objetos de arte do passado são relacionadas à realidade presente, em um evento social e culturalmente compartilhado e dinâmico.

No Relatório de pesquisa perfil-opinião, realizado em 2005 com 11 museus da cidade do Rio de Janeiro, foi constatado que a “falta de informação ampla sobre as instituições e sua programação é o fator mais citado entre as dificuldades de acesso” (KÖPTCKE; CAZELLI; LIMA, 2009, p.67). Importante ainda destacar que

A análise do capital cultural do visitante expresso nos dados da pesquisa restringiu-se, quase de maneira total, à averiguação do capital cultural escolar, objetivado pela certificação e incorporado como referência de conhecimento e valor compartilhados pela cultura escolar (KÖPTCKE; CAZELLI; LIMA, 2009,p.65).

A deficiência de divulgação e a falta de articulação entre as instituições, cultural e escolar, são itens apontados na ausência do público espontâneo<sup>7</sup> nos espaços culturais. Sobre a característica deste público, que têm acesso aos Museus de Arte no Brasil, Grinspum (2007, p.44) relata dados de pesquisa realizada pelo Datafolha<sup>8</sup> a respeito da 26ª Bienal de São Paulo, com entrada franca, “[...] 75% do público espontâneo era da classe A e B. Somente 2% do público espontâneo foi motivado pela gratuidade.” Esse fato comprova que “[...] nossos museus e nossas instituições culturais estão atraindo pessoas que já são iniciadas” (GRINSPUM, 2007, p.44). Estes números são confirmados por Martins (2007, p.98) em seu relato: “Nesta última edição da Bienal, a entrada era gratuita, mas isto muito pouco representou em relação à visitação do público. Ingresso gratuito apenas não dá ou estimula o acesso à arte. É preciso muito mais...”. Constata-se com isto que as representações políticas necessitam investir em projetos culturais e ações educativas, a fim de que a população possa exercer de fato o direito de construir e conhecer as manifestações artístico-culturais e participar delas.

---

<sup>7</sup> “Público espontâneo” – Conforme Grinspum “[...] pessoas que têm alto índice de escolaridade e já freqüentam museus espontaneamente” (2007, p.44).

<sup>8</sup> “Datafolha” Inicia em 1983 como um “departamento de pesquisas do Grupo Folha da Manhã, criado para realizar pesquisas de opinião pública e eleitorais com o máximo rigor técnico e agilidade.” Desde 1995 atua como unidade de negócios. Disponível em <<http://datafolha.folha.uol.com.br/sobre/historico.php>> Acesso em 12 out.2009.

Políticas de ações educativas em que a mediação cultural, estimule com provocações, a compreensão e estabeleça com o observador uma empatia em relação às obras/objetos expostas, tornando-o ativo cultural e socialmente. Conforme Köptcke; Cazelli; Lima (2009) este é um dos fatores na formação de um público espontâneo cada vez mais variado nos museus.

A partir dessa realidade, são necessárias ações que priorizem o contexto sócio/cultural do estudante e do público em geral, gerando mudanças de atitudes e reiterando valores positivos, contribuindo para a construção do conhecimento e a ampliação de seu repertório artístico-cultural e de seu pertencimento. Imprescindível para a construção humana.

### 1.3 CONTEXTUALIZANDO O MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE

A cidade de maior densidade demográfica de Santa Catarina (figura 01), com indústrias líderes do mercado nacional e internacional. Joinville (figura 02) com seu desenvolvimento e modernidade, possui um conjunto de museus como: Museu Nacional de Imigração e Colonização, Museu Casa Fritz Alt, Museu de Sambaqui de Joinville, Museu de Arte de Joinville, Estação da Memória e Casa da Memória. Acumula diferentes atrações culturais como o Festival de Dança (mês de julho) e a Festa das Flores (novembro).



Figura 01: Mapa de Santa Catarina  
Fonte: web<sup>9</sup>/2009.



Figura 02: Joinville (detalhe)  
Fonte: web<sup>10</sup>/2008

<sup>9</sup> Mapa de Santa Catarina. Disponível em <[http://www.caed.com.br/mapa\\_brasil.gif](http://www.caed.com.br/mapa_brasil.gif)> Acesso em 28 out. 2009.

Dentre seus destaques culturais, realçam a sua culinária, a arquitetura com algumas casas na técnica construtiva enxaimel<sup>11</sup> própria dos imigrantes alemães.

Sede no Brasil da Escola do Teatro Bolshoi, única fora da Rússia, Joinville é popularmente conhecida como Cidade da Dança<sup>12</sup>, das Flores, das Bicicletas, dos Príncipes e Manchester Catarinense.

O Museu de Arte de Joinville (figura 03), localizado na Rua 15 de Novembro, número 1.400, entrada principal da cidade de Joinville, para quem vem do norte do Estado de Santa Catarina, foi criado através da Lei Municipal nº 1.271, de 15/05/1973 e inaugurado em 03 de setembro de 1976.



Figura 03: Museu de Arte de Joinville (MAJ)  
Fonte: *web*<sup>13</sup>/2009.

Importante sinalizador cultural do município de Joinville, instalado na Casa Ottokar Dörffel,<sup>14</sup> concluída em 1864 a construção da residência tem forte herança das edificações em estilo colonial dos arredores de Hamburgo dos séculos XIV e

<sup>10</sup> Disponível em <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=628407>> Acesso em 28 out. 2009.

<sup>11</sup> Enxaimel - denominação de uma técnica construtiva, que possui como principal particularidade a utilização da madeira como exclusivo material capaz de levantar toda a estrutura por meio de encaixes (não utilizavam pregos) os espaços entre a madeira eram preenchidos de taipa e tijolos (cozidos nos fogões a lenha).

<sup>12</sup> Prefeitura de Joinville - História da cidade de Joinville. Site oficial. Disponível em: <http://www.joinville.sc.gov.br>. Acesso em 28 out. 2009.

<sup>13</sup> Site oficial. Disponível em: <http://www.joinville.sc.gov.br>. Acesso em 28 out. 2009.

<sup>14</sup> Patrimônio Histórico de Santa Catarina - nº: 261/2000 – Número do Patrimônio Tombado pela Lei de Tombamento Estadual nº 3.461, de 23 de novembro de 2001.

XV, “Colunas trabalhadas em cerâmica se abrem em arcos na imponente varanda, que toma toda a fachada e se prolonga feito uma sacada no ponto central, com a janela do sótão acima e o óculo do porão marcando a parte inferior do prédio” (SANTA CATARINA, 2003, p.83).

Deixar de citar o idealizador desta residência, é afastar-se do início da história da Colônia D. Francisca (hoje Joinville), pois o Dr. Ottokar Döerfel,<sup>15</sup> natural de Waldenburg (Saxônia), construtor e morador, chega a Joinville em 1854 e se destacou como proeminente político e cidadão, muito ligado à cultura.

Um dos homens mais citados na história de Joinville, fundou o primeiro jornal local, o “*Kolonie-Zeitung*”, dirigiu a Companhia Colonizadora de Hamburgo, que administrava a colônia; ajudou a implantar a Câmara Municipal e foi prefeito entre 1874 e 1876. Faleceu no final de 1906, e sua casa foi então comprada por Affonso Lepper, que a ampliou com mais dois cômodos para os fundos. Em 1973, a construção passou aos cuidados da Prefeitura. (SANTA CATARINA, 2003, p.83).

A Casa Ottokar Döerfel é desapropriada em 23 de maio de 1973, segundo Guerreiro (2006), por seu valor histórico e arquitetônico. Nos anos 70, Joinville torna-se palco de grande mobilização artística local. Os artistas buscavam um espaço oficial, que pudessem expor seus trabalhos a todos os cidadãos indistintamente. E a casa que fora projetada por Ottokar, por sugestão da população, passa a ser utilizada como um espaço arquitetônico que abriga e divulga as obras de arte do acervo do Museu de Arte de Joinville e das exposições itinerantes que ocorrem com grande frequência na cidade de Joinville.

Conforme Mosimann (2006) no texto de apresentação do Catálogo MAJ 30 anos, os artistas mentores e participantes deste período foram: Antonio Mir, Hamilton Machado, Juarez Machado, Edson Machado, Luiz Henrique Schwanke, Nilson Delai, Índio Negreiros, Moacir Moreira (Moa), Mário Avancini, Albertina Ferraz Tuma, Odete Néri, Astrid Lindroth, Odil Campos e Helena Montenegro.

Em 1976 o então Prefeito de Joinville, Sr. Pedro Ivo Figueiredo de Campos, aliado aos artistas acima, abre as portas do “[...] castelinho, como era então

---

<sup>15</sup> Título de Doutor conferido à Ottokar Döerfel, quando se formou em Direito pela Universidade de Leipzig, conforme Guerreiro (2006).

conhecido em 1864” (GUERREIRO, 2006, sem paginação), para toda a comunidade ou da antiga residência do Dr. Ottokar Döerfel como Museu de Arte de Joinville.

Ottokar e a esposa Ida viveram sozinhos na casa. Os empregados ocupavam o porão. [...] O teto do porão é todo em abóbadas de tijolos e acompanha o arco da porta de entrada, e uma interessante camada de barro separa esse teto do piso superior (SANTA CATARINA, 2003, p.83).

O antigo porão a partir de 2005 foi transformado e adaptado em um espaço especial, com exposição permanente, das obras do escultor Mário Avancini<sup>16</sup>.

Neste ambiente de arte e cultura, realça-se uma área arborizada e florida, um espaço aberto (tombado) de 13.314,38 m<sup>2</sup>. Neste jardim (figura 04), encontram em exposição permanente, esculturas de vários artistas, bem como instalações na linguagem contemporânea para apreciação e pesquisa de estudantes e/ou visitantes.



Figura 04:Jardins do Museu de Arte de Joinville - MAJ  
Fonte:autora/2008.

---

<sup>16</sup>Mário Avancini: artista local, que possui um conjunto de obras (escultura) no acervo do MAJ. Faleceu em 1992.

Além, desses espaços (casa e jardim) possui uma extensão de áreas expositivas, em anexo com duas salas na Cidadela, no Complexo Cultural<sup>17</sup> instalado na antiga fábrica da Antártica, onde são realizados grandes eventos e exposições como a Coletiva de Artistas de Joinville e o Salão dos Novos de Joinville, contribuindo para fomentar a arte contemporânea brasileira e promovendo o acesso de novos artistas aos circuitos da arte.

O acervo do MAJ foi iniciado com a transferência das obras do antigo Departamento de Educação e Cultura (hoje Fundação Cultural de Joinville). Considerado um apontador artístico de Santa Catarina. As obras do acervo do MAJ como na maioria das cidades brasileiras começaram a ser compostas por obras de artistas locais, ampliando gradativamente para a esfera de obras de artistas nacionais e internacionais. Agregando a coleção de sua reserva técnica, conforme Mosimann (2006) através de doações e aquisições, de diversos estilos, técnicas e épocas, captadas pelo artista Antônio Mir.

Conforme Justino (2006) no texto dos curadores do Catálogo MAJ 30 anos, o acervo do MAJ foi composto a partir de dois critérios de seleção das obras de arte: o valor histórico e o valor artístico. Categorias que persistem até hoje. A autora relaciona o nome de alguns artistas reconhecidos na esfera nacional, com obras no acervo do MAJ como Lygia Clark, Aldemir Martins, Carlos Scliar, Emanuel Araújo, Burle Marx, Rebolo, Flávio de Carvalho, Poty Lazzarotto, Gerchman, Siron Franco, Renina Katz, Fernando Velloso, Chromiec, Brugnara, Schwanke, Rodrigo de Haro, Elke Hering e tantos outros. O MAJ torna-se, portanto mais um Indicador Cultural do Estado de Santa Catarina.<sup>18</sup>

Atualmente o MAJ mantém em sua reserva técnica, um acervo de aproximadamente 655 obras, dentre elas, esculturas, gravuras e telas “[...] de diferentes fases das artes que transitam do clássico ao contemporâneo, com inestimável valor artístico e cultural” (MOSIMANN, 2006, sem paginação).

Segundo Justino (2006) o MAJ além de investir na importância artística e histórica das obras de seu acervo, designa grande interesse investindo no valor documental na área de história e teoria da arte, tornando-se um local de referencia

---

<sup>17</sup> Localizada na rua XV de novembro número 1383.

<sup>18</sup> O Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) criado pelo Decreto Estadual nº. 433, de 18 de março de 1949 como Museu de Arte Moderna de Florianópolis (MAMF), é, desde então, o órgão oficial na área das artes plásticas.

de estudos e pesquisas. Sua biblioteca com mais de 2000 livros, além de catálogos, periódicos, documentos e material audiovisual, é valorizada por contemplar a arte de Santa Catarina de forma especializada.

A filosofia de um grande museu repousa em evitar qualquer tipo de marginalização, firmando-se como ativador de novos talentos, aprimorando profissionais e formador de platéia. O MAJ segue essa trilha, tornando-se um centro de produção, debate e pesquisa. Desse modo, contribui para acabar com a exigüidade de artistas estudados na história da arte catarinense e brasileira, rompendo o círculo vicioso no sistema nacional e internacional de apenas divulgar artistas já consagrados (JUSTINO, 2006, sem paginação).

Portanto estudantes, pesquisadores e professores têm acesso a estas informações específicas e de qualidade, que objetiva auxiliar nas investigações, estudos e a fruição<sup>19</sup> de e sobre seu acervo e a arte em geral. Desta forma, o museu cumpre importante papel, tanto no espaço destinado a pesquisa como na disseminação dos saberes e conhecimentos.

Assim, este capítulo, no intuito de definir conceitos sobre tradição, cultura e museus, integrando-os nos processos identitários, cumpre a tarefa de provocar reflexões sobre os significados que construímos ao nos apropriarmos do patrimônio de forma geral, museus e suas inserções sociais. No capítulo seguinte, a partir dos conceitos aqui estudados, será abordada a função educativa dos museus, com ações aos estudantes/visitantes e ao público em geral e a educação não-formal que contribui na construção de identidades daqueles que participam deste processo.

---

<sup>19</sup> Fruição - apreciação

## 2.AÇÃO EDUCATIVA EM MUSEUS DE ARTE

*O museu é, então,  
uma das instâncias educativas da sociedade  
- entendendo educação como indissociável da cultura.  
Maria Isabel Leite*

Ao revisitarmos os conceitos sobre os museus e espaços culturais, destacamos a Ação Educativa em Museus de Arte e sua importância na sociedade. A ação educativa se expressa em atuações de pesquisa, preservação e comunicação com os diversos públicos que frequentam espaços culturais e museus.

A mediação cultural como atitude interativa nos Museus de Arte, são ações propostas de parceria do museu com a escola, entre o mediador (“monitores”, professor, educador de museu...), objetos e obras de arte expostos e público, num intercâmbio de olhares, despertando a sensibilização estética e cultural e promovendo experiências participativas com todos os envolvidos.

Para estabelecer a diferença entre ação educativa e mediação cultural, é possível observar na primeira a organização de práticas com uma metodologia própria ao estudante/visitante e público em geral. Já a mediação cultural, nesta pesquisa está relacionada às propostas e atitudes de experiências interdisciplinares, compartilhadas e socializadas, que possibilitam ao estudante/visitante oportunidades de vivências sensíveis com obras/objetos de arte relacionadas à sua realidade, permitindo a reflexão, a construção do conhecimento crítico e o pertencimento sociocultural. Entendendo também que a mediação está no próprio espaço do museu, suas obras/objetos de arte, nas pessoas e no entorno.

A educação não-formal, balizada no pertencimento sociocultural, que caracteriza a promoção e a democracia cultural é ressaltada neste capítulo, bem como o papel do Educador/Mediador de museus, como profissional capacitado em estabelecer as experiências com ações interdisciplinares com os objetos/obra de arte em exposição e o estudante/visitante nos espaços não-formais da educação.

## 2.1 MEDIAÇÃO CULTURAL

No espaço do museu ao longo de uma visita de estudos, as ações pedagógicas e os encaminhamentos metodológicos são decisivos na apropriação e produção de sentido do público. Ali se dá aprendizados que proporcionam apropriações de conhecimentos, abrindo espaços para a experiência estética e favorecendo a novas significações. Estas novas significações são construídas também por meio da educação. Para Ganzer (2005, p.86) é fundamental desenvolver “[...] um trabalho educativo atuante entre as instituições escolares e culturais como agente multiplicador de saberes.”

A fim de compreenderem e estabelecerem as analogias com as obras/objetos de arte produzida historicamente, existe a necessidade de ampliação do repertório do público em geral e dos estudantes/visitantes em particular, por meio da construção de sentidos e da relação entre presente–passado–presente. À falta deste repertório e à condição da arte, que de certa forma continua preponderando em espaços consagrados (museus, galerias, bienais...), podem influir nas ampliações de pertencimento e nas construções de identidades. Somos aquilo que vivemos.

A mediação cultural, que trata esta dissertação, define-se como uma atitude frente às ações no encontro com a arte e a cultura. Experiências propostas pelo educador/mediador, com objetos/obras de arte expostos e público, num intercâmbio de olhares, despertando a sensibilização estética e cultural. Pois a experiência “[...] se acumula e se prolonga, vai além do próprio tempo” (CARVALHO, 2005, p.126).

A variedade de significados da palavra mediação<sup>20</sup> faz com que para a compreensão do termo mediação cultural utilizado nesta dissertação seja explicado como uma designação que Martins e Picosque (2008, p. 50) explicam que “[...] gera novas conexões, tanto na relação com o contexto cultural da obra, como no contexto cultural de quem é afectado por ela”. Acrescentar a cultura ao termo mediação é possibilitar uma abrangência de significados do “estar entre muitos”, conforme

---

<sup>20</sup> [...] raiz grega *medhyo*- “que está no meio”- e latina *medius,a*, - “que está no meio, no centro; que concilia opostos; que observa neutralidade, neutro, indica intercessão, interposição, intervenção, mediação”-, o termo tem sido usado no senso comum como uma “ponte entre dois”, tanto em relação aos pedidos às divindades, quanto no que diz respeito à resolução de partilhas (MARTINS; PICOSQUE, 2008, p.50).

esclarecem, pois “[...] não podemos falar apenas de estar no meio entre dois, mas um “estar entre muitos”, de modo ativo, flexível, propositor, atento ao outro” (MARTINS; PICOSQUE, 2008, p.50).

[...] provocar uma experiência estética e estésica. [...] um estar entre implica em uma ação fundamentada e que se aperfeiçoa na consciente percepção da atuação do mediador que está entre muitos: as obras e as conexões com as outras obras apresentadas, o museu ou a instituição cultural, o artista, o curador, o museógrafo, o desenho museográfico da exposição e os textos de parede que acolhem ou afastam, a mídia e o mercado de arte que valorizam certas obras e descartam outras, o historiador e o crítico que as interpretam e as contextualizam, os materiais educativos e os mediadores (monitores ou professores) que privilegiam obras em suas curadorias educativas, a qualidade das reproduções fotográficas que mostramos (xerox, transparências, slides ou apresentações em *Power Point*) com qualidade, dimensões e informações diversas, o patrimônio cultural de nossa humanidade, a expectativa da escola e dos demais professores, além de todos os que estão conosco como fruidores, assim como nós mediadores, também repletos de outros dentro de nós, como vozes internas que fazem parte de nosso repertório pessoal e cultural (MARTINS a, 2005, p.54-55).

A ação mediadora, conforme Martins (2007) é entendida como um “ato provocativo” de experiências, a partir de planejamentos antecipados com atuações amplas, experiências sensoriais, conexões entre obra/objeto e espectador. Uma atuação ampla e de grande abrangência que a mediação cultural possibilita, por criar ações que ampliam “[...] a leitura e a compreensão do mundo e da cultura” (PANOFSKY *apud* MARTINS, 2005, p.17).

O mediador cultural atuante deve ser também atualizado em suas ações.

O processo de mediação há de ser provocativo, instigante ao pensar e ao sentir, à percepção e a imaginação. Um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruitor. (MARTINS; PICOSQUE, 2008, p.33).

Uma das características desse procedimento de mediação cultural é o de provocar e estimular as sensações, as interações sociais e o pertencimento. São

ações propostas para serem realizadas antes, durante e após a visita a qualquer espaço (cultural ou não), entre mediador, obras/objetos de arte exposta. Além disso, os projetos de ações planejadas e dialogadas entre educador de museu com todos os integrantes dos departamentos da instituição cultural (desde a/o segurança ao coordenador de museu) são ações imprescindíveis nos processos pedagógicos. No entanto, a equipe do museu deve estar preparada para o desenvolvimento desses projetos e propostas estabelecidas nas exposições.

As ações de mediação cultural estendem-se também aos professores das escolas que pretendem realizar a visita, no sentido de prepará-los previamente. Com isto, os professores iniciam em sala de aula as propostas teórico-práticas com os estudantes, sobre a exposição e/ou local a ser visitado. Durante a visita do grupo, o processo de mediação cultural fica a cargo do educador de museu e do professor, num intercâmbio ativo de olhares, despertando a sensibilização estética e cultural.

Quando o grupo retorna à sala de aula as ações ainda podem acontecer com o professor mediando sobre as experiências vivenciadas na visita. Neste sentido, a articulação entre museu e escola é fundamental, pois o conceito aqui tratado entende que todos estão envolvidos nos processos de mediação: estagiários, educador de museus, professores, estudantes, entre outros.

Todas estas relações são definidas por Martins (2003, p. 56), que denomina como “relações rizomáticas”.

A mediação ganha hoje um caráter rizomático, isto é, num sistema de relações fecundas e complexas que se irradiam entre o objeto de conhecimento, o aprendiz, o professor/monitor/mediador, a cultura, a história, o artista, os modos de divulgação, as especificidades dos códigos, materialidades e suportes de cada linguagem artística.

A apropriação, o conhecimento, a partir de uma elaboração simultânea de relações com as atividades mediadas. “O rizoma introduz a idéia de possibilidade e crescimentos múltiplos, agregando informações, gerando novas idéias, abrindo-se em novos questionamentos, não parte de um princípio único e nem busca um fim determinado a se atingir” (MARTINS, 2005, p.130).

A mediação cultural, não visa somente relacionar as qualidades formais dos objetos e expressões artísticas, mas as concepções históricas, estéticas e culturais, com possibilidades de resignificações a partir da interação cultural. Visa também possibilitar ações que estabeleçam relações de intercâmbio, através da observação das características culturais de uma sociedade. Esta prática é constituída quando as imagens, obras/objetos são interpretadas e significadas com base na interação e conhecimento do contexto cultural do estudante/visitante.

“Para isso não basta expor o aluno a um mundo de imagens, é preciso que, através de sua ação, ele componha e decomponha as imagens para apropriar-se delas” (PILLAR; VIEIRA, 1992, p.10). No momento da interação/apreciação, a participação do indivíduo deve ser integral, pois, essa apropriação “do mundo de imagens” e “da relação sensível com o mundo<sup>21</sup>”, podem aqui, ser compreendidas com a “experiência estética,” que para Dewey (1974), citado por Martins (2005, p.126)

Não é possível separar, numa experiência vital, o prático, o emocional e o intelectual uns dos outros, e pôr as propriedades de um em oposição aos outros. [...] seus diferentes constituintes formam uma experiência integral, [...] suas várias partes estão ligadas umas às outras, e não apenas sucedem uma à outra.

A arte e as criações artístico/culturais hoje estabelecem uma abertura em suas interpretações, mais do que simplesmente a forma visual que é produzida e visualizada. Nos relatos de Eco (2003), verificamos a sua preocupação com o homem moderno relacionada à leitura e a interpretação de imagens, sugerindo uma prática educacional que possibilite uma análise dinâmica da imagem artística. Com ações que promovam a interação com a realidade social do público com a herança artístico-cultural de uma sociedade, expressas nas obras/objetos de arte, que podem desvelar nosso mundo interior e exterior.

Para Favaretto (2007, p.33) estas ações são “[...] táticas que materializam uma estratégia geral, que é social e cultural, através da arte – com a arte e não pela arte, simplesmente”. Também para Perkins (*apud* EFLAND, 2005, p.186) a arte “[...]”

---

<sup>21</sup> Martins (2005, p.126).

ajuda de uma maneira natural. O olhar para a arte convida, recompensa e encoraja um temperamento atencioso, porque obras de arte requerem atenção a fim de se descobrir o que eles têm para mostrar e dizer”. Hernández (2000, p.53), numa mesma linha de pensamento afirma, que

[...] olhar uma manifestação artística de outro tempo ou de outra cultura implica uma penetração mais profunda do que aparece no meramente visual: é um olhar na vida da sociedade, e, na vida da sociedade, representada nesses objetos. Essa perspectiva de olhar a produção artística é um olhar cultural.

As experiências que temos com a arte e a cultura podem proporcionar uma compreensão mais significativa do mundo que nos cerca, pois

[...] diante do turbilhão de informações efêmeras, fragmentadas e aceleradas, o homem moderno vê-se incapaz de incorporar à sua memória as impressões do vivido. O conhecimento adquirido na experiência, ao contrário se acumula e se prolonga, vai além do próprio tempo (CARVALHO, 2005,p.126).

Nessa imensa quantidade de imagens e informações contemporâneas, configura-se muitas vezes o não entendimento do público com relação às imagens da arte e das mídias pós-moderna, prevalecendo assim, o domínio dessas imagens por uma “pequena minoria”. Sobre isto Eco (2003) cita que atualmente, nas mais diversas áreas do conhecimento, a recepção, a leitura e a interpretação de imagens estão diretamente associadas à forma de reconhecimento em suas funções representativas, ocorrendo conseqüentemente a não compreensão e a contínua indiferença na recepção de imagens/objetos, artísticos ou não.

Essas relações podem ser ampliadas e resignificadas, pois “[...] a mediação cultural envolve o informar, o fazer perceber o que poderíamos chamar de “códigos cultos”, mas por outras vias. Mais do que isso, envolve capturar o sujeito para entrar numa experiência” (MARTINS; PICOSQUE, 2008, p.51).

As preocupações referentes à educação são constantes, especialmente com relação a esta passividade diante das imagens pelo público, pois conforme Favaretto (2007, p.33) “[...] tradicionalmente, nós não tínhamos uma educação visual no país;

até há pouco tempo nossa educação sentimental e da sensibilidade passava quase que exclusivamente pela literatura”. Assim é importante que as representações políticas incentivem projetos culturais, a fim de que a população possa exercer de fato o direito de construir e conhecer as manifestações artístico-culturais e participar delas, que criem possibilidades “[...] de um encontro com a vida e a cultura que possa ressoar no modo de olhar o mundo e de atuar nele.” (MARTINS; PICOSQUE, 2008, p.53).

Essas ações devem oportunizar também o contexto infantil, pois a educação estética deve ser priorizada, a fim de se construir um conhecimento crítico, desde a infância. Para Martins e Picosque (2006, p.05) é fundamental “[...] mediar o encontro da criança com a arte, de forma lúdica e significativa, levando em conta os aspectos sócio-culturais e a história de vida de cada uma delas, atrelada a história da humanidade.”

A compreensão, interpretação e a participação dos sujeitos (público/estudante/visitante diversos) implicam numa construção efetiva de identidades, nos espaços formais e não-formais da educação. Mediar estas relações, através da observação das características culturais de uma sociedade, possibilita ao indivíduo apreensão de conhecimentos sensíveis, conscientização para uma atuação social participativa e integradora. A mediação cultural, portanto, sugere ações compartilhadas entre estes dois espaços, que promovam esse intercâmbio com novos olhares, despertando a sensibilização estética e cultural.

Sem educação estética e motivação, entusiasmo, envolvimento e esforço para apropriá-la, compreendê-la e interagir com seus significados mais amplos, torna-se bastante difícil o diálogo do público com as obras/objetos de arte nos espaços culturais. A compreensão e participação cultural dos indivíduos implicam numa construção efetiva de pertencimento e identidade.

## 2.2 AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE

Nos conceitos sobre os museus e espaços culturais, destaca-se a ação educativa e sua importância na sociedade, pois com a intenção de dinamizar

obras/objetos de arte pertencentes aos acervos dos Museus, estes espaços visam proporcionar conhecimentos aos estudantes/visitantes e ao público em geral.

[...] a educação [subentendida como ação educativa] realizada em museus deverá operar promovendo atividades baseadas em metodologias próprias que permitam a formação de um sujeito histórico-social que analisa criticamente, recria e constrói a partir de um referencial que se situa nos seus objetos tangíveis ou intangíveis (CABRAL, 2002, p.3).

A ação educativa em museus de arte é uma característica dos espaços não-formais da educação, visando o diálogo a partir de interações com os objetos/obras de arte do seu acervo.

Esse tipo de ação oportuniza com suas propostas tornar as obras/objetos de arte acessível a um público diversificado. O Conselho Internacional de Museus – (ICOM) e a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – (UNESCO), desde 1951, buscam conscientizar sobre o “[...] papel educativo nos museus – uma proposta que tenha como pressuposto o direito de todos os cidadãos à educação permanente, em todas as dimensões culturais, sem esquivar-se da dimensão crítica do conhecimento” (LEITE, 2005, p.28).

Conforme o Sistema Estadual de Museus de Santa Catarina (SEM-SC), a constituição da ação educativa nos museus é a de promover a “[...] educação no museu, tendo o acervo museológico como centro de suas atividades. Ela visa promover a participação, reflexão crítica e transformação da realidade social integrada à apropriação de uma cultura museal (SEM-SC, 2002, *web*).

Normalmente encontramos museus com um número reduzido de profissionais qualificados para desenvolver propostas de ações educativas tendo como foco a mediação cultural, e, de certa forma esta situação gera um problema: a dificuldade de se pensar em políticas públicas e de concretizá-las. Ocorre que este trabalho está iniciando de forma precária, por meio de pessoas “treinadas” para este fim, com uma narrativa linear e metódica, uma ação educativa com foco na monitoria museal, pois são disponibilizados aos estagiários, vídeos, texto/*release* e catálogos, ajudando-os a ampliar o conhecimento sobre o Evento (exposição).

Para que as ações museológicas ganhem força, é necessário conhecer e legitimar o artigo segundo, do decreto nº 5264/2004, do Sistema Brasileiro de Museus, que institui;

II – a disponibilização de acervos e exposições ao público, propiciando à ampliação do campo de construção identitária, a percepção crítica da realidade cultural brasileira, o estímulo à produção do conhecimento e à produção de novas oportunidades de lazer; III – o desenvolvimento de programas, projetos e ações que utilizem o patrimônio cultural como recurso educacional e de inclusão social; (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2004, *web*).

Com a mudança de coordenação do MAJ no início de 2009, algumas reformulações foram acrescentadas e a ação educativa ganhou um novo destaque e novos olhares e também projetos com interação entre o museu, a universidade, a escola e a sociedade. Em entrevista informal<sup>22</sup> com Carlos Alberto Franzoi (atual coordenador do MAJ, artista plástico, curador e professor no Curso de Artes Visuais da UNIVILLE), algumas informações foram cruciais.

As diretrizes que norteiam as políticas culturais para essa gestão conforme Franzói, buscam “dinamizar o acervo; promover a mediação entre público e exposição; tornar o MAJ um lugar em que a comunidade sinta-se mais participante e interaja com os espaços, principalmente com o externo. Interação com a Casa da Cultura, com a UNIVILLE, com as escolas e com instituições interessadas em arte e cultura.”

O coordenador também aponta como plano de gestão as reformas físicas de manutenção do patrimônio, tombamento nacional da casa do Museu, construção do anexo (reserva técnica, setor administrativo e cozinha), tornar o sótão do museu um espaço expositivo, aquisição de obras de artistas locais para o acervo, reativar o Conselho dos Amigos do Museu de Arte de Joinville, executar o projeto luminotécnico, tornar a biblioteca mais participativa e democrática com o Multiacervo, entre outros.

Destacou ainda os programas/ações previstos para atender essas diretrizes,

---

<sup>22</sup> Atividade proposta pela professora Dr<sup>a</sup> Silvia Sell Duarte Pillotto da disciplina de Gestão Cultural, do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE, em fevereiro de 2009.

que são: aumentar o tempo das exposições para promover estudos e pesquisas e exposição do acervo de gravuras (coleção muito rica). Abertura dos espaços para toda a comunidade com o projeto iniciado em março de 2009, com o objetivo de tornar a comunidade mais participativa e interagir com o jardim do MAJ com a proposta de “Um domingo no jardim do MAJ” com um piquenique comunitário, ecológico e cultural.

Este projeto iniciou de maneira singela, e aos poucos as parcerias e integrações foram acontecendo de forma natural, tornando-se um programa educativo, pois foram incorporados a ele diversos projetos, com ações educativas, ecológicas e culturais, favorecendo a toda comunidade. Piquenique comunitário, ecológico e cultural, o programa foi implementado durante o ano de 2009, neste mesmo ano teve início o projeto “Acervo vai à escola” para a formação de público e o projeto “Conexão museu-escola” para a formação da poética dos estudantes.

Os educadores de museu (de todas as unidades da Fundação Cultural de Joinville), durante o ano de 2009, estiveram envolvidos com a Coordenação da Gerência de Patrimônio Cultural, na criação e elaboração de um Programa integrado em “Educação patrimonial – cultura e sustentabilidade social” a ser implementado a partir de 2010. Uma ação integrada com a Secretaria Municipal de Educação e a Fundação Cultural de Joinville, com objetivo de: Implantar políticas públicas de educação patrimonial por meio de Programa Interinstitucional entre Fundação Cultural de Joinville, Secretaria Municipal de Educação de Joinville e Instituições afins.

O Museu de Arte de Joinville, embora com todo esforço e vontade política, até o início de 2009, contava com somente um educador de museu,<sup>23</sup> e por conta disso, a ação educativa, muitas vezes, fica a cargo dos estagiários<sup>24</sup> estabelecerem os significados entre as relações das obras de seu acervo, quando expostas.

Algumas estratégias para o envolvimento dessa equipe na atual gestão são a de promover o diálogo individual com cada um da equipe e subdivisão em núcleos gestores, sendo que cada núcleo tem pelo menos um estagiário; o núcleo

---

<sup>23</sup> Na metade do ano de 2009 a equipe do setor de arte-educação do MAJ eram de 6 pessoas, sendo 2 educadores de museu (efetivos) e 4 estagiários(temporários) para 4 espaços expositivos, divididos em dois horários diferentes (manhã e tarde), ou seja 1 estagiário para cada 2 espaços.

<sup>24</sup> Estagiários (alunos da graduação) que ficam por tempo determinado.

Museológico como responsável pelo acervo e montagem das exposições; o núcleo Biblioteca incumbido pelo acervo de livros/ catálogos e filmes e futura digitalização (integrada com outras unidades da Fundação Cultural); o núcleo de Arte Educação, com duas educadoras de museu, encarregado pela mediação do público e exposição e o núcleo Administrativo com a responsabilidade da secretaria e assessoria ao gestor do MAJ e aos outros núcleos.

É evidente que o conhecimento e a experiência de um gestor são de grande valor para a melhoria na qualidade de uma instituição cultural. A entrevista deixou muito clara os reais propósitos da atual gestão, em investir na pedagogia museal a partir de uma ação educativa e cultural participativa, que até então víamos raramente ocorrer nas exposições.

A digitalização do acervo, ainda em processo, também trará grandes benefícios, para os responsáveis deste espaço como para os público/estudantes e visitantes. A importância da disponibilização do acervo em meio digital é comentada por Justino (2006, sem paginação), pois “[...] o visitante poderá passear virtualmente, encontrando as obras e informações. Esse banco de dados tem o potencial de auxiliar os projetos de pesquisa a toda a produção artística no campo das artes visuais do estado.”

Valorizar e disponibilizar a produção artístico-cultural de uma sociedade deve ser uma das premissas básica das instituições culturais. Pois os objetos/obras de arte expostos nos possibilitam a identificação e nos construímos enquanto sujeitos históricos.

### 2.3 EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

A educação não-formal atualmente destaca-se por ampliar e construir vínculos de pertencimento e “ajuda na construção da identidade coletiva do grupo. [...] Sua meta é preparar os cidadãos, educar o ser humano para a civilidade” (GOHN, 2006, *web*).

A característica da educação não-formal está na maneira como se realiza o trabalho educacional em paralelo com a educação escolar. Esta maneira de educar

permite criar ações em locais de cultura (museus, galerias, bibliotecas, atelier e outros), com o intercâmbio de experiências, ampliando o conhecimento de todos os envolvidos.

Contemplar e/ou construir outras relações de leitura a partir de objetos artísticos e históricos aumentam o repertório cultural, sensível e crítico das pessoas, identificando-as como agentes sociais. Possibilitam também narrativas interdisciplinares, resultando em uma ampliação cultural, conhecimento, participação social e construção da identidade cultural.

Os espaços de educação não-formal deverão ser desenvolvidos seguindo alguns princípios: apresentar caráter voluntário, proporcionar elementos para a socialização e a solidariedade, visar ao desenvolvimento social, evitar formalidades e hierarquias, favorecer a participação coletiva, proporcionar a investigação e, sobretudo, proporcionar a participação dos membros do grupo de forma descentralizada (SIMSON, PARKS e FERNANDES. 2001, p.11).

Os espaços não-formais da educação oportunizam processos de aprendizagem com atitudes interativas, na informação, na participação e na troca de experiências. As vivências das atividades que a educação não-formal possibilita tornam o aprendizado instigante e prazeroso.

[...] a transmissão do conhecimento acontece de forma não obrigatória e sem a existência de mecanismos de repreensão em caso de não-aprendizado, pois as pessoas estão envolvidas no e pelo processo ensino-aprendizagem e têm uma relação prazerosa com o aprender. (SIMSON, PARKS e FERNANDES. 2001, p.10).

Cada participante traz em seu repertório particular, informações que são compartilhadas com todos sem distinção, promovendo um intercâmbio de conhecimento sociocultural. Suas ações beneficiam a coletividade que participam de maneira voluntária. O pertencimento é uma das características que se destaca na educação não-formal, pois “[...] não há como pensar a educação não-formal desconsiderando a comunidade, pois é difícil o envolvimento voluntário das pessoas

com algo com o qual não se identificam” (SIMSON, PARKS e FERNANDES, 2001, p.11). Também para Afonso (1992, p. 86),

[...] a educação não-formal embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas porém das escolares) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a sua finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita a não fixação de tempos e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.

As finalidades da educação não-formal, conforme Gohn (2006, *web*) são o de “capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Ampliação de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais.” A autora destaca que os objetivos são construídos durante a interação do processo, determinando um procedimento educacional e espera-se como resultado a

Consciência e organização de como agir em grupos coletivos; A construção e reconstrução de concepção (ões) de mundo e sobre o mundo; A contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade; Forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não apenas capacita-o para entrar no mercado de trabalho) (GOHN, 2006, *web*).

Estes locais de cultura, onde a educação não-formal ocorre em suas ações educativas necessitam possibilitar parcerias com as escolas para uma inclusão sociocultural de crianças e jovens em formação. Uma democracia cultural que possibilite a todos o pertencimento e a cidadania cultural.

## 2.4 O MEDIADOR/EDUCADOR DE MUSEUS

Uma das características do educador dos espaços da educação não-formal é para Simson; Gohn; Fernandes (2007, p.28) “[...] ser ativo, partir do domínio de conhecimentos e da habilidade no manejo desses conhecimentos segundo as necessidades do grupo para que novos saberes se construam, continuamente.”

Isto demanda de um constante desenvolvimento para que museus e escolas atuem como agentes multiplicadores de saberes. “As instituições que oferecem capacitação instrumental são relevantes na formação do educador, porque a educação não-formal não pode prescindir de metodologias operacionais que organizem o trabalho cotidiano” (SIMSON; GOHN; FERNANDES, 2007, p.29).

A educação não-formal é uma “[...] maneira diferenciada de trabalhar com a educação” (SIMSON; PARKS; FERNANDES, 2001, p.9), da qual o educador de museu está inserido, e faz uso também como mediador, com suas ações educativas, neste espaço, proporciona a investigação e a participação de todos os sujeitos de um grupo de forma igualitária (professores, educadores de museus, estudantes) e a comunidade de forma geral.

O educador de museus é um cargo de nível superior, também é denominado especialista cultural em Museus, cuja responsabilidade é o de desenvolver, coordenar e executar propostas interativas e articuladas, [...] bem como pela difusão do conhecimento em sua área de atuação e elaboração de relatórios técnicos e científicos, visando a divulgação dos bens culturais do município e ampliação do conhecimento em geral (EDITAL,2009, *web*)<sup>25</sup>.

O Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) conceitua o atual educador de museu “[...] hoje ele atua mais como um mediador, alguém que procura estabelecer conexões entre o público e o acervo” (2009, *web*). Em alguns espaços culturais é também conhecido como “monitor”, antes, porém, ele desempenhava o papel de “guia”, com um discurso linear e pré-determinado, independente de quem esteja apreciando a exposição.

O papel do mediador/educador de museus perpassa a promoção de um diálogo possível com experiências e ações planejadas e compartilhadas com a obra/objeto de arte, o público/visitante e as práticas vivenciadas pelo grupo em visita aos espaços expositivos.

[...] partindo do conceito de mediação cultural, centramos o foco na curadoria educativa, investigando o mediador como um curador que seleciona e escolhe suas imagens entre as suas “gavetas de guardados” como um “bricoleur” que trabalha com os meios

---

<sup>25</sup> Edital de Concurso Público 001/2009 da Prefeitura Municipal de Joinville. Disponível em [http:// www.joinville.sc.gov.br/index.php?option=com](http://www.joinville.sc.gov.br/index.php?option=com). Acesso em: 10.jan.2010.

disponíveis e como um propositos que inventa e reinventa potencializando experiências estéticas (MARTINS, 2006, p.1).

Nesta trama simbólica, a ação é estabelecida quando as imagens, obras/objetos são interpretadas, significadas e resignificadas com base na interação e conhecimento do contexto cultural. Esse tipo de ação oportuniza tornar a arte e a cultura acessível a um público diversificado. Políticas de ações em que o mediador/educador de museu facilita a compreensão e estabelece com o observador, uma empatia em relação às obras/objetos expostos, torna-o ativo culturalmente, esse é um profissional capacitado, pois através de suas ações, conforme Efland (2005, p.187) “[...] organiza situações que provoquem o desenvolvimento do poder da mente, incluindo imaginação, por meio da criação e da reflexão.”

Este profissional propicia com sua experiência e atitudes na mediação com a arte e a cultura.

O papel do educador exige ainda que o profissional domine conteúdos relativos ao local e ao público com que está atuando. A educação não-formal se faz, portanto, com o uso competente de saberes acumulados, com o conhecimento construído durante a própria prática das atividades e com a articulação de um saber científico, pré-codificado e aprendido durante o processo de formação profissional. Esse saber não é transmitido ou repassado ao público-alvo como uma técnica ou um acervo de informações. Ele é utilizado para desenvolver e fazer acontecer a verdadeira face do educador - a de *sensibilizador, formador, estimulador*<sup>26</sup> de um trabalho com o grupo, [...] possibilitando assim a construção de novos saberes (SIMSON; GOHN; FERNANDES, 2007, p.25).

Nesse sentido, novas propostas educativas devem ser proporcionadas ao público, “[...] além do reconhecimento de identidades culturais em crianças, jovens e membros da comunidade em geral” (CURY; CABRAL, 2006, *web*), observando pertinências às faixas etárias e ao grau de conhecimento, priorizando parcerias entre escola e comunidade.

---

<sup>26</sup> Grifo das autoras.

Conforme Leite (2005, p.51) “Isso requer, sobretudo, uma mudança na mentalidade, sobre a visitação dos museus, sobre o papel da visita dirigida, dos monitores, etc.” Pois, desta forma, a visitação a exposições no espaço museológico, para Leite (2005, p.51), “[...] amplia o repertório imagético – sonoro, visual, corporal – de todos. Independente de gênero, etnia, credo, classe social ou idade”, como um direito a ser respeitado e proporcionado pelas instituições.

Esta prática educativa proporciona uma aprendizagem colaborativa e de significado real entre obra/público, mediador/professor e outros, proporcionando como afirma Ganzer (2005, p.86-87) “[...] a possibilidade de transformação da expectativa, do assombro e do encantamento em situações de aprendizagem.” Isto demanda de um constante desenvolvimento para que os museus e escolas atuem como agentes multiplicadores de saberes.

Cabe a esse profissional realizar a articulação das instituições culturais com as escolares, com projetos de parceria de ações interdisciplinares em arte, em história, em cultura, em estética e em educação, associando valores, presentes nas sociedades atuais e passadas, com público/espectador, relacionando-os a comunidade, ao patrimônio, a tradição e as identidades. “[...] a identidade e o pertencimento são construídos no processo de trabalho do educador” (SIMSON; GOHN; FERNANDES, 2007, p.28).

Segundo Martins (2007) o mediador/educador de museus pode agir transcendendo os sentidos imediatos, possibilitando acessos ao público, promovendo encontros e priorizando a interpretação e compreensão das obras/objetos, com linguagens artísticas diversas e interativas, promovendo a proximidade das obras/objetos de arte com os visitantes e a ampliação do repertório cultural com novos conhecimentos e a troca de diferentes olhares.

Este capítulo buscou refletir sobre a problematização da pesquisa, que destaca as reduzidas ações de mediação nos espaços dos museus, a partir dos conceitos trazidos nesta pesquisa. Importante esclarecer que o conceito de mediação nesta pesquisa envolve todos os sujeitos: educador de museus, professor, estudantes e público em geral, os espaços e os objetos e obras de arte.

Desta forma foi dada ênfase ao pensamento crítico do leitor para a importância da ação educativa nos museus e constante diálogo com a escola. Esta relação fortifica e legitima o conceito de interação entre os espaços formais e não-

formais da educação. O capítulo seguinte pretende relatar e socializar o planejamento das propostas de ações educativas focadas para a formação continuada no MAJ, que integrou profissionais do museu e da escola objetivando a construção de propostas de mediação cultural.

### 3 FORMAÇÃO CONTINUADA: PROPOSTA DE MEDIAÇÃO CULTURAL

*A ação educativa dialógica considera o universo de significações dos alunos e promove a reflexão, a inquietação, a desconstrução de estereótipos ...  
Luciana M. Arslan e Rosa Iavelberg*

O destaque deste capítulo é o relato da formação continuada: proposta de mediação cultural. A organização da proposta de formação continuada no Museu de Arte de Joinville buscou integrar estagiários dos museus e de galeria de arte Victor Kursancew, educadores de museus e professores de arte da rede pública de ensino, pois a dificuldade de articulação dos profissionais dos espaços formais e não formais da educação foram constatadas nas observações *in loco*.

A formação continuada teve como objetivo desenvolver trabalho compartilhado entre os participantes, a fim de pensar em propostas de ações em mediação cultural, com foco na interação entre os espaços formais e não-formais da educação. Essas ações foram planejadas ao público de estudantes/visitantes de 6 a 14 anos, tendo como referência sete obras pertencentes ao Acervo do MAJ. Para as práticas de leitura das sete obras de arte e imagens, a abordagem será o “[...] aprender a ver, observar, pensar criticamente ou investigar [...]” (OTT, 1997, p.121).

A partir do diagnóstico e conversas informais com os profissionais e estagiários que atuam no MAJ, foi constatado que tanto os museus, quanto a escola, precisam tornar-se parceiros, para proporcionar experiências educacionais significativas, nas quais o estudante/visitante tenha a oportunidade de se apropriar do patrimônio exposto (obras/objetos de arte), restabelecendo o sentimento de pertença.

Este capítulo finaliza com a avaliação das observações e participação dos envolvidos na formação continuada, apontando alguns aspectos que necessitam ser repensados.

### 3.1 PESQUISA DE CAMPO

Para a realização da pesquisa de campo a metodologia utilizada foi a qualitativa com foco na pesquisa-ação, pois o objeto de estudo foi a formação continuada, ação em que a pesquisadora atuou como docente/pesquisadora. Uma interação entre os espaços formais e não-formais da educação, de maneira compartilhada, entre professores, educador de museus, estagiários e diretor do Museu de Arte de Joinville.

A pesquisa qualitativa objetiva compreender “[...] um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados [...]” (GONÇALVES *et al.* 2008, p.38). Apesar de aparentemente aberta a pesquisa-ação possibilita, a partir da constatação de um problema, de um fato, situação e outros, propor ações planejadas com objetivos claros, possibilitando resoluções aos problemas.

Para Gonçalves *et al.* (2008, p.39) a pesquisa-ação deve ter seus objetivos bem traçados, para que suas ações sejam delineadas e controladas de forma eficaz. “É também conhecida como *pesquisa de intervenção*<sup>27</sup>.” A pesquisa-ação é uma metodologia criada por “[...] Kurt Lewin que implica um processo com traços essenciais [...] uma forma de estudar os problemas a fim de orientar, corrigir e avaliar as ações que devem ser tomadas para o encaminhamento [...]”.

Também Tripp (2005, p.447), conceitua a pesquisa-ação como “[...] uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática.” O autor deixa muito claro este método de investigação que não descarta a metodologia científica com “protocolos metodológicos determinados” e estabelece como uma pesquisa “pró-ativa com respeito à mudança” e que a ação é compreendida e interpretada através de análise das informações colhidas.

Esta pesquisa apropriou-se de técnicas de coletas de dados, como observação *in loco*, questionário e diálogos informais com os integrantes do MAJ (coordenador, educador de museus, estagiários) e professores. Tais instrumentos

---

<sup>27</sup> Grifo do autor

contribuíram para o planejamento da formação continuada, bem como para a obtenção de alguns resultados durante todo o processo. Além das constantes indagações, precedidas por reflexões/ações, envolvendo conhecimentos e saberes dos profissionais e pesquisadora.

Tripp (2005) ressalta que esse tipo de pesquisa, a teoria deve servir a prática, para a ação de uma proposta de pesquisa, “[...] mas também sugere que os práticos não adotam simplesmente uma teoria “já pronta”, mas que a problematizam pela aplicação” (TRIPP, 2005, p.450).

A eficácia da ação requer do pesquisador um registro de todo o processo, para um aperfeiçoamento constante, a partir de pesquisas teóricas e propostas de aplicação prática, que devem ser compartilhadas com todos que contribuíram para sua efetivação. A inclusão e o envolvimento de todos os interessados em uma melhoria e/ou resolução de um ou mais problemas, caracteriza a pesquisa-ação como participativa e colaborativa. Para uma melhor visualização da pesquisa como um todo foi criado um fluxograma (figura 05), com o intuito de facilitar a compreensão dos leitores.

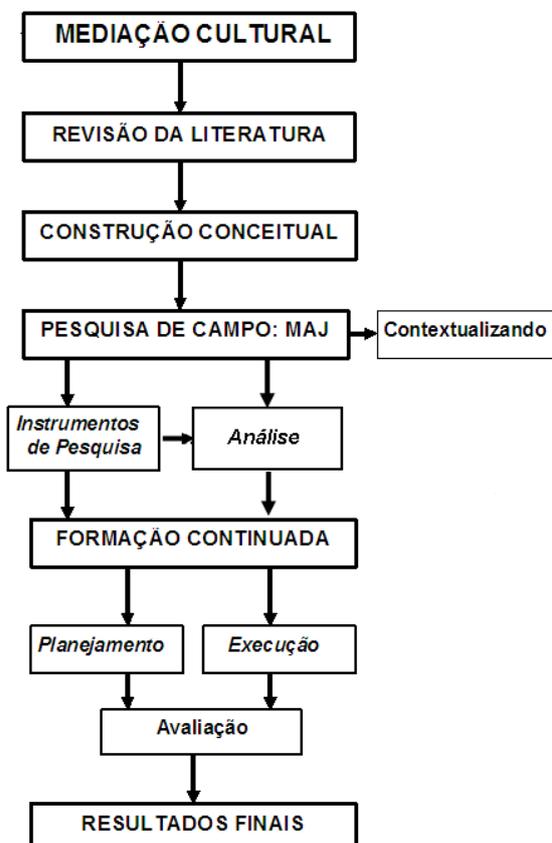


Figura 05: Fluxograma das ações da pesquisa  
Fonte: autora/2010

### 3.1.1 Análise do questionário/diagnóstico

Na análise das informações colhidas no questionário/diagnóstico (Apêndice A), como uma técnica de coleta de dados, possibilitou levantar o conhecimento dos profissionais (educador de museu e estagiários) atuantes nas ações educativas do Museu de Arte de Joinville sobre questões relacionadas à mediação cultural.

O primeiro item foi relacionado ao “plano diretor<sup>28</sup> e suas relações com as políticas externas”, no intuito de perceber as relações construídas entre plano diretor e as políticas externas.

As respostas mostraram desconhecimento, especialmente com o termo “plano diretor”. Foram evasivas, não possibilitando uma abordagem mais aprofundada. Este fato preocupa-nos, primeiro pela ausência de um plano diretor, e, segundo, pela ausência de consciência da necessidade de uma articulação do plano diretor com as políticas externas. Além disso, fica evidente a necessidade de criação de espaços e alternativas para uma maior participação dos cidadãos, incluindo os profissionais dos museus nas ações, estudos, decisões, acompanhamento, interpretação, análise e resignificação das políticas externas. Sem este envolvimento é complicado a criação de políticas internas e a construção de plano diretor.

A questão seguinte estava relacionada “à função social de um museu e de como o MAJ realiza esta ação”.

As informações dos entrevistados foram idênticas quanto à função educativa e de vínculo com a sociedade. Em suas falas o MAJ realiza a sua função social, atendendo um público diversificado de maneira participativa, integrando os espaços museológicos. Está sempre aberto à visitação pública, mediada e com palestras.

No item que tratou da “existência de uma proposta de mediação cultural no MAJ, qual seria? E se não existe, qual o impedimento?”.

Os entrevistados relataram a existência do projeto “Educação Infantil visita o MAJ”, com interações das crianças com os personagens em fantoche (criados pelos estagiários e educador de museus), que conta a história da construção da casa de Ottokar Dörffel e de sua chegada à Colônia D. Francisca (atual Joinville).

---

<sup>28</sup>Plano Diretor – Nos espaços culturais são os objetivos, diretrizes, estratégias e seus programas de ação (atuais e futuros), para com a sociedade.

Destacaram também o projeto “Domingo no jardim do MAJ”, que iniciou em 2009 e que busca integrar a comunidade ao MAJ, por meio de atividades de jardinagem e apresentações culturais. Também foi citado o projeto “O MAJ vai à escola”, idéia do atual coordenador da instituição, com uma proposta de mediação cultural que teve início no segundo semestre de 2009 e na continuidade dessa ação educativa, o projeto “Conexão museu/escola” com objetivos de: 1) Promover articulações e mediações educativas sobre o acervo do MAJ e estudantes da 9ª série da Escola Municipal Pastor Hans Müller; 2) Proporcionar um maior contato destes estudantes com originais de obras do acervo do MAJ, a partir de ações educativas e 3) Oportunizar aos estudantes, conhecimentos e vivências sobre arte no espaço do MAJ.

Outra questão abordada tem relação com “a formação voltada para aqueles que desenvolvem a mediação cultural no MAJ e/ou quais ações estão sendo pensadas a este respeito?”

Os entrevistados afirmaram que o trabalho de mediação cultural é pensado por toda a equipe e conduzido pela educadora do museu. As ações partem de diálogos com os artistas que estão expondo, com curadores da exposição e de estudos com os temas relacionados às exposições e às técnicas. Percebeu-se nas respostas dos entrevistados que a concepção de mediação cultural está ainda muito restrita na idéia de que a responsabilidade das ações educativas está na equipe do museu. A escola, o professor, os estudantes e o currículo escolar não fazem parte desta ação.

Ou seja, a articulação entre museu e escola fica basicamente no convite às exposições, no compartilhamento de ações, e, na tentativa de compor um trabalho em parceria. No entanto, é evidente que a tentativa de ação compartilhada é frágil, e os motivos são vários. Um deles é a dificuldade de entendimento das escolas de que uma visita de estudos aos espaços culturais não se restringe apenas a um aspecto procedimental, mas, sobretudo, de construção conceitual. O museu é espaço de pesquisa, saberes, conhecimento e experiências, portanto, deveria ter espaço também nas práticas escolares.

Outro tema levantado no questionário se relaciona com “os pressupostos conceituais e metodológicos que norteiam as ações educativas no MAJ.”

Os entrevistados citaram nesta resposta o termo “estar entre muitos”<sup>29</sup>, registrando que estudos e pesquisa sobre a metodologia de ações educativas foram iniciadas na gestão anterior (início de 2008), com leituras de textos que dão sustentação teórica à exposição que está sendo apresentada ao público. Esclareceram também que as propostas de ações educativas ainda estão sendo construídas, com o suporte de vários autores. No entanto, não citaram os autores e o conceito trabalhado não ficou evidente. Este fato mostra o quanto as propostas de ação educativa não contemplam a mediação cultural, pois este conceito ainda não estão muito claras para eles. As ações educativas tem como referência basicamente as exposições apresentadas. Não existe uma proposta de ações para que ocorra as ações de mediação, independente das exposições e acervo do museu, uma visão mais ampla sobre a arte, a cultura, o patrimônio, o espaço e a pertença.

Outro assunto abordado foi sobre “o acervo do MAJ e quais ações têm sido pensadas e efetivadas para sua utilização?”.

Os entrevistados afirmaram que tem sido pensadas atividades com jogos da memória, quebra-cabeça referentes às obras do artista Mário Avancini, estabelecendo relações entre as obras deste artista com outros artistas que trabalharam e/ou trabalham com a linguagem tridimensional. Em relação ao acervo, enfatizaram as novas formas de conservação e preservação, com controle da umidade, da temperatura e novas molduras para que as exposições das obras do acervo possam ser constantemente apresentadas ao público.

O último ponto do questionário foi sobre “a interação do MAJ com a comunidade e com a escola. Quais dificuldades encontradas nesse processo?”.

Os entrevistados responderam que já ocorre a interação do MAJ com a comunidade em atividades de bate-papo com os artistas, palestras, entre outros. Reiteraram a importância do projeto “Um domingo no Jardim do MAJ” como forma de integração com a comunidade e destacaram a revitalização da Associação dos Amigos do Museu e a Associação de Moradores do Bairro América, também como forma de promover a interação da comunidade aos espaços museológicos. Da mesma forma enfatizaram a integração da escola por meio da realização de encontros com os professores de arte da rede municipal, no intuito de apresentar os

---

<sup>29</sup> “estar entre muitos” de Mirian C. Martins (2005).

projetos educativos do MAJ, motivando-os a trazer os estudantes ao espaço museológico. Além disso, destacaram a relevância na divulgação e socialização do MAJ por meio de textos, *release* e convites às exposições no MAJ e a disponibilização dessas informações *on line*, fortalecendo os laços entre museu e escola.

Apontaram em seus relatos que o MAJ disponibiliza mediadores para o atendimento de estudantes e professoras durante as exposições. Assinalaram as dificuldades encontradas nesse processo, especialmente no que se refere ao currículo escolar, com ênfase nas disciplinas, fragmentado e muitas vezes descontextualizado e no que se refere ao traslado. Para que fosse garantido transporte aos estudantes, programas educativos deveriam ser construídos e aprovados.

Além da análise dos itens acima, é possível observar que a idéia de mediação, (de acordo com as respostas do questionário/diagnóstico), é centrada nas ações do museu, faltando um trabalho compartilhado com a escola, (a fim de que se construam projetos e programas compartilhados, avaliados e repensados em conjunto e numa troca constante). Por outro lado, fica visível o esforço do MAJ em ampliar essa visão, pois as ações de socialização são fundamentais para que se inicie um processo de sedução e envolvimento com a escola. Estas ações estão sendo desenvolvidas com competência e comprometimento pelo coordenador do MAJ e sua equipe, apesar de todas as dificuldades, identificadas no questionário e nas entrevistas informais.

Um problema sinalizado é a recorrência de um número reduzido de especialistas neste espaço e a falta de infra-estrutura, tanto no que diz respeito ao corpo técnico, quanto aos espaços físicos e às propostas de mediação cultural. Evidentemente, estamos falando também em políticas públicas.

Verificou-se que o MAJ avançou significativamente no que diz respeito às ações educativas e a socialização destas ações, no sentido de descentralizar as ações, pois na maioria das vezes fica sob a responsabilidade da educadora de museu<sup>30</sup> e dos estagiários. No entanto, com relação a uma proposta de mediação

---

<sup>30</sup> Somente uma educadora de museu participou em 2009 da aplicação do questionário/diagnóstico e da formação continuada.

cultural, é preciso ampliar, pois, vale ressaltar que nem sempre a mediação cultural está presente nas ações educativas.

Sobre a parceria entre museu e escola, verifica-se que ainda permanece no campo de comunicação e convites *on line* a direção da instituição escolar, para visitação às exposições e eventos que ocorrem no MAJ. Portanto, não ocorre um diálogo do educador de museu com os professores oriundos das escolas, sobre os estudantes, seu contexto e seus interesses. Esta parceria precisa ser mais abrangente e constante, somando conhecimentos, saberes e experiências de seus protagonistas, respeitando as especificidades de cada um.

Para o planejamento/preparação das ações de formação continuada foram utilizados, além do questionário/diagnóstico, conversas informais com os envolvidos na pesquisa, estudos preliminares e experiência da pesquisadora, além dos processos sensíveis, recorrentes durante toda a pesquisa.

### 3.2 PLANEJANDO/PREPARANDO A FORMAÇÃO

Uma segunda etapa foi necessária ao desenvolvimento desta pesquisa: a construção e preparação da formação continuada. Em razão da necessidade de estabelecer parceria entre os espaços formais e não-formais da educação, decorre ser necessária a educação compartilhada com os educadores de museu, professores e estagiários por meio de ações contínuas de formação que priorizem aspectos referentes aos conceitos e ações de mediação cultural entre museu/escola.

A escola precisa considerar que a visita de estudos ao museu pode complementar suas ações de sala de aula e vice-versa. Sobre isso, Grinspum (2007, p.44) afirma que: “[...] quanto maior a preparação prévia, em sala de aula para essas visitas, melhor a qualidade da visita”. O início destas ações ocorre quando os professores são convidados para a visitação das exposições no espaço do museu, no intuito de apreciarem, interagirem e vivenciarem as propostas de ações de mediação que o museu pode, de forma compartilhada, apresentar. Cabe ao professor, vinculá-las aos seus projetos e/ou planos de aula.

O planejamento da formação continuada foi balizado no objetivo geral do projeto de pesquisa: “Construir proposta de mediação cultural para o espaço do MAJ, desenvolvendo trabalho compartilhado entre mediadores (estagiários, educador e, coordenador de museu, professores de arte) e escola, objetivando pensar uma proposta de ação focada na interação entre os espaços formais e não-formais da educação.”

Revisitando um dos Objetivos específicos da pesquisa, que apontava a necessidade da coordenação de um grupo de estudos com mediadores/estagiários e educadores de museu do MAJ, a formação continuada atendeu este pré-requisito, pois foram realizados os encontros e repensados a partir dos problemas levantados pelo grupo de participantes. Outro objetivo específico e não menos importante, é o de promover encontros com professores de arte da rede pública de Joinville com o intuito de discutir as questões relacionadas à mediação cultural, reiterando a idéia de uma proposta integrada entre museu e escola, e este também foi contemplado na formação continuada.

Conforme Fusari que conceitua em sua tese “Formação contínua de educadores” “[...] é o espaço de formação profissional no local de trabalho e a partir dele.” (FUSARI, 1997, p.159). Formação continuada ou formação contínua é a capacitação profissional que possibilita por meio de cursos, palestras reuniões e outros eventos de estudos, ampliar o conhecimento e a prática da profissão.

A formação contínua atende ao profissional nas diferentes fases do desenvolvimento pessoal-profissional: a inicial (educadores principiantes), a fase da maturidade e a da consolidação de sua carreira. Em todas, o fio condutor do trabalho de formação contínua é a prática (a práxis, a experiência) profissional, em permanente processo de transformação (FUSARI, 1997, p. 160).

A intenção desta formação foi de: “[...] participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes” (GOHN, 2006, p. 29). Pois pressupõe a idéia de ação conjunta e como tal tornar estes encontros de formação uma constante nas atitudes dos profissionais da educação formal e não-formal, para que a mediação cultural seja efetivada nestes espaços.

Nesta perspectiva, propostas de mediação cultural, integradas na formação continuada, foram pensadas pela pesquisadora, em ações de “curadoria educativa”<sup>31</sup> para com o acervo do MAJ, para um público específico de estudantes/visitantes entre 6 a 14 anos. A partir dos estudos efetuados, esta é uma faixa etária que está bastante presente nos museus e também uma faixa etária que requer grande empenho daqueles que preparam os processos de mediação, pois estão envolvidos conceitos sobre infância, criança e adolescência.

O objetivo da curadoria educativa conforme Vergara (*apud* MARTINS, 2006, p.4) é “explorar a potência da arte como veículo de ação cultural. (...) constituindo-se como uma proposta de dinamização de experiências estéticas junto ao objeto artístico exposto perante um público diversificado.”

Portanto, a preparação da formação continuada, teve em suas bases a idéia de possibilitar o encontro dos profissionais do museu e da escola, para que juntos contribuíssem na construção com propostas de ações interativas para esta faixa etária, a partir de sete obras de arte do acervo do MAJ escolhidas previamente pela pesquisadora.

A questão da curadoria educativa voltada para o espaço do museu tem sido discutida e esforços são realizados para disseminar a idéia de ação cultural, com preocupações sobre a acessibilidade da arte ao público, principalmente à categorias da sociedade com mais dificuldade de acesso e a dinamização das relações entre instituição cultural que promove a exposição e o público (MARTINS, 2006, p.5).

O ser humano é um ser simbólico em suas representações e atitudes sociais, e para estabelecer as relações de sentido e significado de uma cultura, só é possível quando analisamos e interagimos com a sociedade em que ela age e/ou está inserida. “Quanto maior for o domínio de análise simbólica que as pessoas têm sobre a produção social, maior será a sua capacidade de articulação na sociedade” (TURINO, 2006, *web*).

---

<sup>31</sup>Curadoria educativa: termo de Luis Guilherme Vergara (1996), conforme Martins (2006, p.3).

Durante a preparação do material para a formação continuada, foi destacada a importância do ensino da Arte em um diálogo para com a arte e não um monólogo, conforme Leontiev (2000, p.132)

O que devíamos ensinar é a atitude dialógica para com a arte, a capacidade não apenas de ver o mundo significativo que transcende os meios expressivos, mas também de nos relacionarmos pessoalmente com este mundo, de nos abirmos a ele e de nos enriquecermos com os significados aí descobertos.

Esta valorização do ensino da arte e suas diferentes linguagens, “[...] por incluir as formas simbólicas que dizem respeito à humanização de todos os tempos e lugares.” (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, p.10), e a necessidade da busca do conhecimento por meio da compreensão dos sentidos, da interpretação que poderá resultar em significados diversos nas relações construídas por meio das expressões artísticas. “A compreensão, a interpretação e avaliação das produções artísticas e das manifestações simbólicas de caráter visual das diferentes épocas e culturas.” (HERNÁNDEZ, 2000, p. 56). A arte proporciona leituras da diversidade cultural como produções e representações simbólicas de um determinado povo e/ou local.

Assim, o planejamento/preparação para a formação continuada, levou em conta todos estes aspectos, principalmente o recorte na faixa etária, (estudantes/visitantes entre 6 a 14 anos), pois as ações, vivências, estudos e materiais desenvolvidos pela pesquisadora antes dos encontros realizados, foram focados neste público-alvo. Este contato direto da criança/adolescente com a obra/objeto de arte, e, na medida do possível com o artista, alarga o seu repertório estético-cultural e estabelece uma relação mais direta e significativa com a arte, artista, mediadores e público.

Pensando neste público, as sete obras de arte do acervo do MAJ, foram selecionadas a partir de alguns critérios da pesquisadora: 1. obras de arte em linguagem pictórica (pintura em tela); 2. figurativas, contemplando a representação da cultura local; 3. imagens relacionadas ao cotidiano infanto-juvenil; 4. destaque as cores 5. possibilitar a transposição a outras linguagens artísticas. Priorizando a experiência estética num percurso que envolve “[...] ir além da apreciação, [...]

relacionar aquilo que vê com o que já conhece, com seu cotidiano” (LEITE, 2005, p.51).

Com a intenção de provocar e trocar experiências, a pesquisadora utilizou a proposta de Ott (1997) que envolve o aquecimento e a sensibilização, e como abordagem de leitura para esta formação continuada, fundamentada na leitura crítica, balizada em cinco categorias: descrição (observação da obra), análise (leitura dos elementos formais), interpretação (resignificação a partir da percepção e interação com a obra), fundamentação (conhecimento do campo da história da arte e do contexto) e revelação (ato de expressão artística e/ou produção). Além desta abordagem, foram priorizados aspectos referentes aos processos de aprendizagem e os conceitos em mediação cultural, bem como questões relacionadas às possibilidades de ações e a articulação entre museu e escola aos participantes da formação continuada.

Desta forma, o planejamento/preparação da formação continuada partiu sempre destas premissas: interação entre os espaços formais e não formais da educação; interação entre os profissionais que lidam direta ou indiretamente com a arte e a cultura. E por fim, com as obras/objetos de arte/imagens, estejam nos espaços da escola, das ruas ou dos espaços considerados espaços culturais.

Importante neste momento, oferecer alguns dados sobre cada uma das obras de arte, que servirão de base para o trabalho de mediação cultural, fruto da formação continuada.

SALA COM FLORES E MOÇA (figura 06) de 1974. Técnica em óleo sobre tela, medindo 72 X 52 cm. Suely Beduschi, nascida em Ibirama, SC (1943), a autora desta obra, é desenhista, pintora e escultora. Teve aulas com professores particulares e em 1972 iniciou ativamente sua participação do movimento artístico em Santa Catarina. Atualmente procura nas matas devastadas, troncos, braços e cipós, dar expressão à sua imaginação fértil. A referida obra foi adquirida em junho de 1975 e cadastrada no livro de tombos do MAJ sob o número 028.

JARDINAGEM (figura 07) de 1976. Medindo 49 X 68,5 cm, na técnica de óleo sobre tela. De Amandos Sell (1944), pintor autodidata de Joinville - SC. Embora desde criança tivesse consciência de sua vocação para a pintura, somente em 1979

se tornou profissional, dando ênfase a pintura primitivista<sup>32</sup> com toques pontilhista<sup>33</sup>, Sua temática principal é o paisagismo rural do interior joinvilense, onde as casas em enxaimel e seus amplos jardins estão sempre em destaque. Obra adquirida em janeiro de 1977, cadastrada no livro de tombos do MAJ sob o número 107.



Figura 06: SALA COM FLORES E MOÇA 1974  
Fonte: A. Lipinski-2007/MAJ

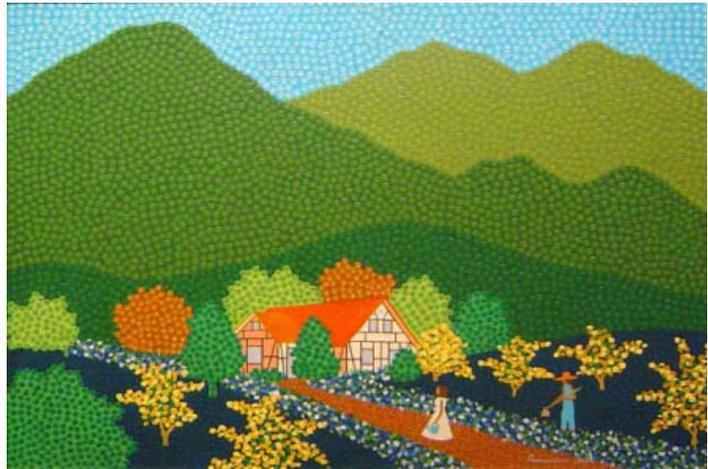


Figura 07: JARDINAGEM 1976  
Fonte: A. Lipinski-2007/MAJ



Figura 08: PANDORGAS 1972  
Fonte: A. Lipinski-2007/MAJ



Figura 09: PONTA SECA 1993  
Fonte: A. Lipinski-2007/MAJ

<sup>32</sup>Primitivista – no Brasil é conhecido como artista *naïfs* (ingênuo) – utiliza frequentemente cores vibrantes e quentes, com grande criatividade espontânea a ausência de profundidade e perspectiva é outra característica predominante.

<sup>33</sup> Toques pontilhista “O pontilhismo de Sell consiste no uso do pincel redondo, aplicado perpendicularmente à superfície, gordo de tinta...” (GUERREIRO, 2006, sem paginação).

PANDORGAS (figura 08) de 1972, medindo 82 x 42 cm. Na técnica óleo sobre tela de Aloísio Silveira de Souza (1936) Florianópolis – SC. Pintor autodidata dedicou-se inteiramente à pintura a partir de 1971. Seus trabalhos possuem características da pintura primitiva. Emprega os pincéis com o toque pontilhista. Prefere temas que entreabrem as portas de um mundo que um dia existiu dentro de cada um de nós. Obra adquirida em agosto de 1972 e cadastrada no livro de tombos do MAJ sob o número 013.

PONTA SECA (figura 09) de 1993. Na técnica de pintura a óleo sobre tela, medindo 110 X 90 cm de Fúlvio Colin (1953) Joinville – SC. O artista transferiu-se para São Paulo em 1972, fez cursos de comunicação visual, desenho e pintura. Coordenou grupos, em atelier aberto em São Paulo no início da década de 90. Retornou à Joinville em 1993, onde ministrou curso de desenho de observação com modelo vivo junto à Casa da Cultura Fausto Rocha Junior, unidade da Fundação Cultural de Joinville. Obra adquirida em junho de 1998 e cadastrada no livro de tombos do MAJ sob o número 583.

Série O CIRCO (figura 10) de 1997. Na técnica em pintura a óleo sobre tela e aplicação de folha de ouro, medindo 130 X 100 cm de Juarez Machado (1941) de Joinville – SC. Pintor, escultor, desenhista, caricaturista, jornalista, cenógrafo, escritor e ator. Formado pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em Curitiba nos anos 60. Em 1978, pretendendo internacionalizar seus trabalhos viajou para Nova Iorque e Londres. Atualmente possui ateliês em Joinville, Rio de Janeiro e Paris. Esta obra faz parte dos estudos (série) para o mural “O GRANDE CIRCO” do Centreventos Cau Hansen de Joinville. Obra adquirida em junho de 2003 e cadastrada no livro de tombos do MAJ sob o número 632.

S/TÍTULO (figura 11) de 1976. Medindo 96 X 43 cm, na técnica óleo sobre tela. Antonio Mir nasceu em 1950 na região de Lorca em Murcia - Espanha. Em 1958 veio ao Brasil e radicou-se em São Francisco do Sul, SC. Considerado um dos mais férteis e polêmicos artistas, a partir da década de 1960 foi um dos pioneiros da arte moderna em SC. Em 1973 aborda em seus temas a nostalgia da cor e da pintura plana, sempre com preocupações geométricas. Retorna a Espanha em 1992. Obra adquirida em outubro de 1979, cadastrada no livro de tombos do MAJ sob o número 181.

CAVALINHO FANTASIA (figura 12) de 1972. Medindo 100 x 100 cm, na técnica óleo sobre tela. Bernardo Caro (1931) de Itatiba SP. Em 1964 firmou-se como artista plástico, fez parte do Grupo Vanguarda. Na década de 1970 participou de várias versões nacionais e internacionais da Bienal de Arte Moderna de São Paulo. De 1979 a 1982 atuou como educador e professor universitário. De 1997 a 2006 foi vice-cônsul da Espanha em Campinas e região. Filho de imigrantes andaluzes, sua arte é um ponto de união entre a tradição da pintura espanhola e a temática brasileira. Faleceu em 16/09/2007, Campinas SP. Obra adquirida em dezembro de 1973, cadastrada no livro de tombos do MAJ sob o número 031.

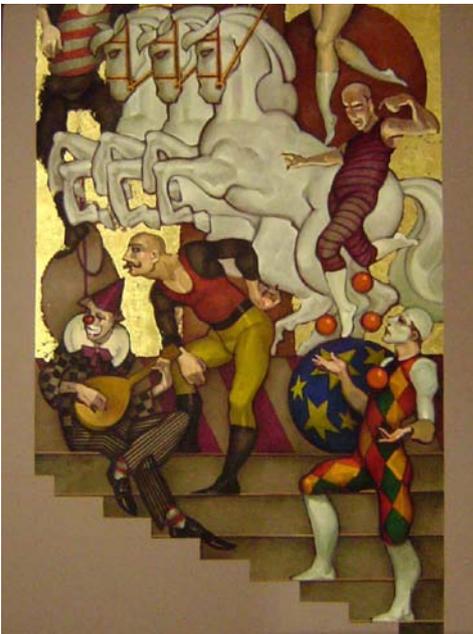


Figura 10: Série O CIRCO 1997  
Fonte: A. Lipinski-2007/MAJ



Figura 11: S/TÍTULO 1993  
Fonte: A. Lipinski-2007/MAJ



Figura 12: CAVALINHO FANTASIA 1972  
Fonte: Adilson Lipinski-2007/MAJ

### 3.2.1 Construção de Identidades

Além das obras de arte selecionadas, o planejamento/preparação da formação continuada destacou ações lúdicas com o auxílio de recursos materiais preparados antecipadamente, pela pesquisadora, como: textos, roteiros de leitura, slides, malas com objetos, entre outros. O planejamento para a formação estendeu-se também a identificação do público alvo e dos participantes.

As contribuições de Ott (1997, p.126) são interessantes, uma vez que o autor parte de uma proposta que envolve o *thought watching*, aquecimento e a sensibilização, que são práticas que acontecem antes mesmo dos estudantes/visitantes entrarem no espaço expositivo. Para isso a intervenção do professor em sala de aula e a recepção dos profissionais do museu são fundamentais para criar um clima de respeito, cumplicidade e troca de experiências.

Para Martins e Picosque “[...] esse procedimento requer que os alunos sejam preparados para cada tarefa, de acordo com a possibilidade e singularidade de cada classe” (2008, p. 55). Ou seja, não estamos falando apenas de uma visita ao espaço museológico, mas de uma ação articulada ao currículo escolar, o que amplia os repertórios e conhecimentos dos estudantes/visitantes e também do professor. Sobre esta questão Martins; Picosque (2008, p.56-57) afirmam que é fundamental

[...] ampliar o repertório cultural dos alunos, pois provoca estranhamentos e encantamentos, convocando um pensar sobre a experiência vivida, que se inicia na preparação da viagem/expedição, mas que se segue para além dela. O conceito expedição e de suas equipes viajantes se torna também uma boa preparação para a própria visita/expedição.

A mediação cultural desempenha um papel de grande responsabilidade no espaço do museu, a ação pedagógica ao longo de uma visita de estudos e os encaminhamentos metodológicos é decisiva na apropriação e produção de sentidos do público. Entendendo que o educador de museu e os estagiários não possuem um vínculo diário com os estudantes/visitantes, faz-se necessário a utilização de um

crachá para identificá-los na recepção e acolhimento de cada grupo de estudantes/visitantes.

Foi sugerido o crachá “Mediador” (figura 13), tendo como referência a marca do Museu de Arte de Joinville (figura 14).



Figura 13: Modelo crachá mediadores  
Fonte: autora/2009



Figura 14: Marca do Museu de Arte de Joinville  
Fonte: Setor Administrativo do MAJ/2009

Também foi preparado material referente ao processo de identificação do estudante/visitante como sugestão. As preferências deste público-alvo são muitas, pois se tratam de crianças e pré-adolescentes, pensando nisso, sugere-se que sejam divididos em dois grupos (por faixa etária). A partir desta separação, foram pensadas duas sugestões para identificá-los.

O 1º grupo de crianças (6 a 10 anos) em suas “expedições” pelo universo da arte seria o “Viajante”, termo associado à visita a espaços culturais a uma viagem, a locais conhecidos, desconhecidos, as bagagens que levamos no início e a que trazemos quando retornamos de uma viagem de conhecimento com a arte e a cultura. A sub-marca criada para identificação do “Viajante” com seus crachás (figura 15 e 16).

O 2º grupo de pré-adolescentes (11 a 14 anos) o “Detetive”, em suas “investigações”, com “[...] ações pedagógicas centradas em um caráter exploratório. [...] de aflorar não-saberes e curiosidades, de percorrer caminhos não experimentados” (MARTINS; PICOSQUE, 2008, p.61), termo associado às buscas e procuras de respostas que podem ser descobertas no próprio percurso da expedição

“[...] ampliando o que já está sendo pesquisado e estudado” (MARTINS; PICOSQUE, 2008, p.61). A sub-marca criada utilizada no crachá do “Detetive” (figura 17 e 18).



Figura 15: Sub-marca criada para identificação com a Marca do MAJ estampada em uma mala de viagem.  
Fonte:autora/2009

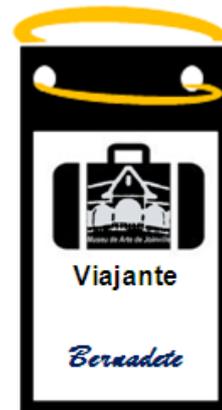


Figura 16: Modelo do crachá viajante  
Fonte:autora/2009



Figura 17: Sub-marca criada para identificação com uma lupa (em destaque na Marca do MAJ)  
Fonte:autora/2009



Figura 18: Modelo do crachá detetives  
Fonte:autora/2009

As ações propostas, pela pesquisadora aos participantes da formação continuada visaram principalmente refletir sobre a importância dos processos de motivação e dos encaminhamentos lúdicos durante a estada dos estudantes/visitantes no museu.

Todo o material preparado visou o recorte destes Viajantes e Detetives (público-alvo) em ação, que devem ser exploradas como estratégias de sedução, neste caso, por meio de ações que envolvem jogos lúdicos e oficinas. Portanto para o grupo de Viajantes, além do crachá, as ações propostas para iniciar o processo

seria a entrega de uma “mala de viagem” (figura 19), com recursos a serem utilizados durante a visita/viagem (figura 20). Em sua mala de viagem com objetos como: pulseiras de plástico, nariz de palhaço e óculos de cores diferentes a serem utilizados pelas crianças, com o incentivo do mediador.

Para o grupo de Detetives, além do crachá, as ações propostas seriam a entrega de uma “mala de investigação” (figura 21), com recursos materiais a serem utilizados durante a visita/investigação (figura 22). Em sua mala de investigação o detetive encontrará óculos coloridos, nariz de palhaço e um leque colorido, objetos que serão utilizados durante as propostas de experiências no museu.

A pesquisadora criou este material, para o núcleo de Arte Educação do Museu de Arte de Joinville, para que as sugestões dos crachás e malas sejam disponibilizados aos estudantes/visitantes entre 6 a 14 anos. Lembrando que os conteúdos da “mala de viagem e da mala de investigação” variam conforme a exposição apresentada.



Figura 19: Mala de viagem e crachá Viajante  
Fonte: autora/2009



Figura 20: Recursos materiais para os viajantes  
Fonte: autora/2009



Figura 21: Mala de investigação e crachá  
Fonte: autora/2009



Figura 22: Recursos materiais para os Detetives  
Fonte: autora/2009

### 3.3 FORMAÇÃO

O desenvolvimento da formação continuada, com foco em mediação cultural, ocorreu nos meses de junho e agosto de 2009, totalizando 24 horas. O local escolhido para a formação continuada foi o Museu de Arte de Joinville, com a participação de educadores de museus e estagiários (Museu de Arte de Joinville; Museu Casa Fritz Alt; Galeria Victor Kursancew), e professores de Arte da Rede Pública Estadual.

A pesquisadora focou a importância dos espaços museológicos promoverem regularmente estes encontros de estudos das obras/objetos de arte dos acervos, uma parceria do museu com a escola. Por isso foram realizados três encontros, na formação continuada em mediação cultural, envolvendo dois grupos: o primeiro, tendo como participantes estagiários e educador de museus e o segundo os professores de arte. Os conceitos/conteúdos foram os mesmos para os dois grupos, no entanto, foram respeitadas as suas singularidades, especialmente nos processos metodológicos.

O terceiro e último encontro, reuniu os dois grupos no intuito de socializar os conhecimentos de proposta de ações de mediação cultural com ênfase na integração museu-escola.

#### 3.3.1 Iniciando o trabalho

O início dos trabalhos para a formação continuada ocorreu com a apresentação do projeto (figuras 23 e 24), e, também, com distribuição do material educativo<sup>34</sup> (Apêndice B) e o crachá aos estagiários e educador de museu, em 17 de junho/2009 no MAJ e repetido no dia 03 de agosto/2009, com professores de Arte da Rede Pública Estadual.

---

<sup>34</sup> Material educativo – material impresso da apresentação em *Power Point* das teorias contempladas na formação continuada.

A apreciação do documentário “Museu, educação e o lúdico”<sup>35</sup>, do Programa Institucional de Extensão Arte na Escola da UNIVILLE, abriu o formação, despertando a curiosidade dos participantes sobre o assunto, com questionamentos e reflexões acerca dos processos de mediação cultural (conteúdo do documentário).



Figura 23: Abertura da formação com a Profª Drª Elizabete Tamanini<sup>36</sup>  
Fonte: autora/2009



Figura 24: Apresentação da proposta  
Pesquisadora  
Fonte: autora/2009

A análise do questionário/diagnóstico e as entrevistas informais delimitaram os conteúdos teóricos abordados na formação continuada foram trabalhados em forma de questões a ser pensado pelos participantes, com o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre o objeto de estudo, num constante “diálogo reflexivo” Schön (2000). Com questões/respostas propostas pela pesquisadora foram as seguintes: 1. Museu que lugar é este? 2. Quem é o mediador cultural? 3. Qual a função do mediador cultural? 4. Como ocorre a mediação? 5. Em síntese o que é mediação? 6. E a mediação cultural? 7. Quais as ações do mediador cultural? 8. Quais as diferenças de: ação educativa; mediação cultural; educação patrimonial e curadoria educativa.

A partir destas questões e a troca de informações realizadas, por cada grupo, foram contemplados os aspectos necessários sobre mediação cultural em um diálogo de troca de experiências, que também ocorreu nos processos de leitura (figuras 25 e 26) fundamentadas em Ott (1997) o *Image Watching* (descrevendo, analisando, interpretando, fundamentando e revelando). Entende-se que a maneira

<sup>35</sup> [DVD] / organização Instituto Arte na Escola ; coordenação Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque, São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006. série DVDteca Arte na Escola - Material educativo para professor - propositos; 123.

<sup>36</sup> Profª Drª Elizabete Tamanini, atual gerente de Patrimônio Cultural da FCJ.

de como abordar obras/objetos de arte expostas é o que caracteriza a qualidade de mediação, que nesta pesquisa apropriou-se de suas teorias, possibilitando a análise reflexiva, um modo de estabelecer referências destes símbolos culturais com o contexto no qual foram produzidos estes objetos/obras de arte.



Figura 25: 17/junho - processo de leitura  
Fonte:autora /2009



Figura 26: 3/agosto - processo de leitura  
Fonte:autora /2009

Esta ação oportunizou a construção de novas significações pelos participantes por meio da sensibilização, da apreciação, da interpretação, do estranhamento e da crítica. Da mesma forma os conceitos/conteúdos que são inseridos nas obras/objetos de arte puderam ser associados a temas sociais, culturais, estético e outros na educação.

### 3.3.2 Processos de leitura

A obra de Bernardo Caro (figuras 27 e 28) foi a que mais impressionou os dois grupos de participantes da formação continuada, especialmente porque nesta obra haviam símbolos gráficos somente percebidos frente à obra de arte original, eram cavalos e pessoas estilizados (um grafismo), semelhantes aos das pinturas rupestres, em toda a extensão do fundo da pintura (tela). Estes símbolos dialogavam com os cavaleiros do 1º plano. Esta percepção ocorreu apenas na leitura da obra original (acervo), pois tanto na impressão gráfica (material didático) quanto na

imagem projetada (*power point*), não foi possível visualizar esta questão, o que resultou em nova interpretação da imagem para os dois grupos.



Figura 27: 17/junho - Descoberta dos símbolos gráficos  
Fonte: autora/2009



Figura 28: 3/ago - Descoberta dos símbolos gráficos  
Fonte: autora/2009

A leitura desta obra foi o contraste das imagens do primeiro plano toda “certinha e bem dividida,” a composição “espelhada” com as imagens “invisíveis” do fundo, “também espelhadas,” outro detalhe sobre a composição “parece que o artista dobrou a tela no meio.” O emprego das cores frias e a utilização do cinza, a representação de um cavalinho de madeira com rodinhas, um brinquedo muito utilizado pelas crianças do século XIX e até meados do século XX e “que hoje não existe mais este tipo de brinquedo.” Mas a contemplação sobre o fundo da tela foi o que absorveu todas as atenções, dos professores de arte e inclusive dos estagiários participantes, “pois nunca tinham visto esta obra de perto e com esta riqueza de detalhes,” destacaram a representação espontânea deste “grafismo” e “parece que está contando uma história.”

Na obra de Juarez Machado (figuras 29 e 30), o primeiro (estagiários e educador de museus) grupo identificou a aplicação em folha de ouro na obra original e o segundo grupo (professoras de arte) não conseguiu perceber este detalhe. No entanto, quando a pesquisadora apontou esta questão, o grupo ficou bastante interessado e curioso para aprender a técnica utilizada pelo artista. A utilização da folha de ouro foi mesmo a de destaque como *flash* fotográfico dos integrantes da “cena” da série O Circo.

O destaque para os dois encontros centrou-se na comparação das cores das obras de arte originais, da imagem projetada em *power point* e do material impresso

(material didático). O grupo identificou diferenças relacionadas a cor, textura, nitidez de formas, entre outros. (figuras 31 e 32).



Figura 29: 17 junho – Destacam a folha de ouro na obra.  
Fonte: autora/2009



Figura 30: 03/ago. Admiração da visualização da folha de ouro aplicada na obra.  
Fonte: autora/2009



Figura 31: 17/junho Comparação das cores  
Fonte: autora/2009



Figura 32: 3/agosto Comparação das cores  
Fonte: autora/2009

Confirmando, portanto que “a proximidade com as obras originais proporciona melhor visibilidade às cores, formas e técnicas [...]” (GANZER, 2005, p.86). Há que se ressaltar, portanto, a relevância das visitas de estudos aos museus para que os estudantes/visitantes possam ter contato direto com a obra/objeto de arte original e tenham experiências estéticas, que serão únicas na sua plenitude. Somente as leituras de imagem não são suficientes para um aprendizado que requer um diálogo entre público e obra/objeto de arte.

A partir das reflexões teóricas e das práticas de leitura das obras de arte, foram contemplados os aspectos necessários a mediação cultural. Entendendo que a percepção e o interesse de cada grupo de participantes foram singulares, pois

envolveram os conhecimentos, saberes, experiências, respeito às diversidades e necessidades de cada grupo.

O passo seguinte foi a apresentação dos recursos de aquecimento/sensibilização que a pesquisadora construiu como sugestão para as propostas de mediação cultural (figura 33). O crachá do viajante e sua mala de viagem e o crachá de detetive com sua mala de investigação. Estes materiais foram disponibilizados (figura 34) a todos os participantes da formação continuada.



Figura 33: Sugestão do material para mediação  
Fonte: autora /2009



Figura 34: material em experimentação  
Fonte: autora /2009

A pesquisadora propôs aos participantes da formação, pensarem e acrescentarem objetos e/ou jogos lúdicos aos conteúdos das “malas”, com propostas de ações tendo como referência as obras de arte do acervo do MAJ apresentadas.

Sendo assim, cada participante escolheu uma das sete obras de arte estudadas a fim de pensar em uma proposta interativa e lúdica a partir do seu contexto: escola e museu.

Para complementar os estudos e a construção das propostas, dois textos foram incorporados ao material didático como subsídios teóricos: “Arte, Objetos Estéticos e Relações Culturais” de Sandra Regina Ramalho e Oliveira<sup>37</sup> e “Entre a proximidade e o estranhamento: a mediação e o público” de Celso Favaretto, Gabriela Aidar, Patrícia Durões e Amanda Tajal<sup>38</sup>.

<sup>37</sup> Texto disponível em: [www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewfile/1290/1101](http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewfile/1290/1101). Acesso em 08. mar.2009.

<sup>38</sup> In: MARTINS; SCHULTZE; EGAS (orgs.). **Mediando [con]tatos com arte e cultura**. São Paulo: UNESP/Instituto de Artes. Pós-graduação; v.1, n1, nov. 2007.

O último encontro ocorreu em 24 de agosto/2009 com a participação dos dois grupos, integrando-os num diálogo interessante, permeado pela troca de experiências e socialização dos saberes (figuras 35 e 36).



Figura 35 – Abertura com a profª Silvia Pillotto  
Fonte: autora /2009



Figura 36 – Abertura da Socialização  
Fonte: autora /2009

As experiências desenvolvidas, a partir das propostas criadas pelos participantes nos espaços formais e não formais da educação, contribuiu para ampliar os repertórios e conceitos sobre o objeto de estudo, tanto da pesquisadora, quanto dos demais integrantes na pesquisa. Conforme Schön (2000, p.43) “[...] um ensino prático reflexivo”, pois prevê uma influência mútua de conhecimentos e experimentações entre esses dois espaços, portanto estas experiências foram significativas para nossos processos de aprendizagem.

### 3.3.3 As propostas

Para a realização das propostas de ações foi levado em conta à faixa etária do público e nossos conceitos sobre infância, criança, adolescência, museu, mediação cultural, entre outros, que pudessem surgir durante o processo. O objetivo para a construção das propostas, independente dos contextos era o de possibilitar um diálogo interativo dos estudantes/visitantes com as obras de arte e a cultura.

As propostas aqui apresentadas foram de inteiramente realizadas pelos participantes, que na socialização colocaram inclusive títulos na maioria delas.

Série O CIRCO obra de JUAREZ MACHADO:

1. “Eu nunca fui a um circo” - proposta de experiência para crianças de 9 e 10 anos, da educadora de museu (figura 37). Em destaque a educadora de museus lembrou que a obra de arte em tela é um fragmento da obra em mural “O grande circo” (figura 38), localizada no pórtico do Centreventos Cau Hansen, em Joinville, SC.

A partir de sua temática, bastante instigante, a educadora de museus propõe algumas questões para serem tratadas com os estudantes/visitantes, como: 1. Quais lembranças podemos ter de um circo real? 2. Já estivemos em algum? 3. Como foi a experiência? 4. Já passamos por algum, sem ter entrado? O que imaginamos que lá teria?. 5. Além dos personagens destacados na obra de arte, lembramos de outros mais? Quais? 6. Quais os riscos desta profissão? 7. Existe preconceito com relação aos artistas circenses? Por que? 8. Quais os sons existentes em um circo? 9. Quais os odores? 10. Do que mais lembramos sobre o circo que consideramos importante?



Figura 37: Alcione - malabarismo  
Fonte: pesquisadora /2009

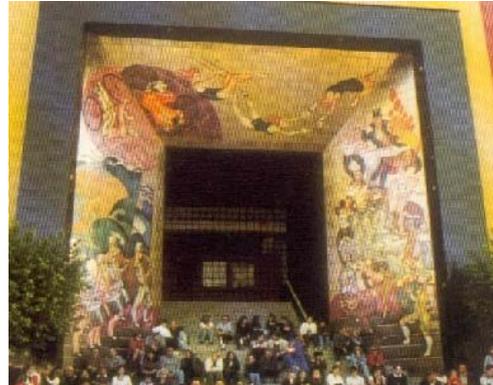


Figura 38: O mural "O GRANDE CIRCO"  
Fonte: web/2009<sup>39</sup>

Esta proposta busca refletir sobre os circos que hoje, na maioria das vezes não possuem animais, por conta da legislatura de proteção animal. E também um destaque a produção dos sentidos. Além dos processos de leitura, é interessante propor aos estudantes uma experiência corporal a partir da obra ou imagem estudada. As crianças podem representar os artistas circenses, a partir do corpo e

<sup>39</sup>Imagem retirada do *blog* de Juarez Machado. Disponível em [http://www.jmachado.com/blog/juarezblog/zwo\\_modules/news/read\\_news?id=1177786019.55&instid=nouvelles](http://www.jmachado.com/blog/juarezblog/zwo_modules/news/read_news?id=1177786019.55&instid=nouvelles). Acesso em: 24 jun. 2008.

de outras possibilidades, como desenhos, pinturas, objetos, entre outros.(figuras 39 e 40).



Figura 39: Movimento corporal com objetos  
Fonte: autora /2009



Figura 40: Objetos de malabares e roda-roda de fitas  
Fonte: autora /2009

2.A proposta de uma das pedagogas, (figura 41), iniciou com um trabalho anterior a vinda das crianças ao museu, pensou numa ação específica para crianças de 6 e 7anos. A motivação teve início com a relação da obra “O circo” com também circo “Beto Carrero *Word*”, que fica no município de Penha – SC: quem já foi neste local? Como foi a experiência? Quem nunca foi, o que imagina que tenha por lá?. Algumas outras questões também foram levantadas a cerca de artistas circenses fora do contexto físico de um circo, como no semáforo, nas festas, entre outros. Existem diferenças, quais? A idéia é relacionar aquilo que as crianças vêm com o seu cotidiano, seja real ou imagético.



Figura 41: Pedagoga Beatrícia  
Fonte: autora /2009



Figura 42 – Profª Karina e Jaqueline  
Fonte: autora /2009

Outra opção é levar as crianças ao Centreventos Cau Hansen, para interagirem com a obra completa “O Grande Circo” e esclarecer, que no MAJ estão expostas as obras em tamanho menor e em outra técnica artística. Refletir com as crianças sobre os espaços culturais coletivos, instigando o sentimento de pertença. A visita de estudo ao Centreventos pode ser anterior ou posterior a visita de estudos ao MAJ. Importante que haja uma relação entre uma e outra.

PANDORGAS obra de ALOÍSIO SILVEIRA DE SOUZA:

1.“Pipas” – proposta de experiência para pré-adolescentes, e uma das professoras de Arte e uma estagiária (figura 42). Esta proposta visa relacionar a obra de arte com a questão do tráfico de drogas, do filme “Cidade de Deus”. As diferenças culturais do filme “Caçador de Pipas”, temas abordados em sala de aula com os estudantes, com possibilidades de ampliar as discussões, sobre um objeto, com vários significados, dependendo do contexto que está inserido.

O professor pode também fazer recortes dos filmes, dando destaque a questões mais específicas, ampliando assim o repertório artístico, estético e cultural. Além da linguagem do cinema, a música, o teatro, a dança e a literatura podem complementar tais questões.

Relacionaram as obras de Portinari (figura 43) com as brincadeiras de diferentes épocas e solicitaram que os estudantes verificassem em sua comunidade as brincadeiras que lá ocorrem, para o trabalho contextualizado com brincadeiras antigas. Na visitação sugerir termos da língua portuguesa regional e pesquisá-los como: pandorgas, pipas, papagaio e outros.



Figura 43: Obra de Portinari  
Fonte: Karina Wagner /2009



Figura 44:Foto das diferentes Pipas  
Fonte: Karina Wagner /2009

Na visitação as professoras explicariam as diferentes formas e cores das pandorgas, que estão na obra, e estas diferenças existem para identificar cada criança, de um determinado local. A partir disto seria proposto ao estudante realizar a criação “de suas identidades” nas pipas, com formas geométricas e cores que os identificassem (figura 44). Logo após a visitação no museu realizar a confecção de uma pipa (figura 45) e depois empiná-la no jardim do MAJ (figura 46).



Figura 45: Início da confecção da Pipa  
Fonte: autora/2009



Figura 46: Pipa no ar  
Fonte: Karina Wagner /2009

### SEM TÍTULO obra de ANTONIO MIR.

1. “Caleidoscópico” – proposta também de uma professora de arte (figura 47). Propõe destacar com os adolescentes, as diferenças do olhar masculino e do olhar feminino. Oralmente faz uma trajetória sobre a arte no século XX, dando ênfase as imagens de obras de arte em que os artistas utilizam as cores chapadas. Como experiência sensorial, sugere aos adolescentes que construam um caleidoscópico com papel laminado (no lugar do espelho) e miçangas coloridas (figura 48).



Figura 47: Professora Cassia  
Fonte: autora /2009

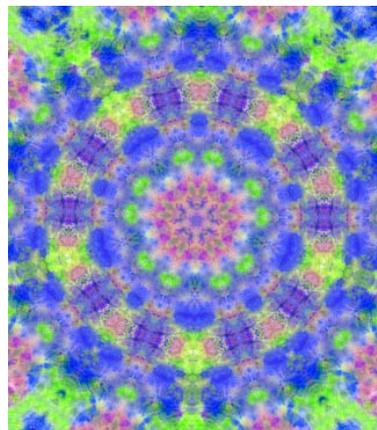


Figura 48: Visão das miçangas coloridas  
Fonte: autora /2009

O objetivo é que os adolescentes relacionem as leituras e estudos realizados com a experiência lúdica do fazer e que se aproximem da experiência do artista. É possível vivenciar as cores, brincar com elas, aprender sobre elas.

2.“Tangram” – proposta de uma estagiária para desenvolver com pré-adolescentes, entre 10 a 12 anos. Esta obra de arte foi escolhida especialmente por propiciar uma relação com as formas geométricas, conteúdo abordado na escola para a 5ª série do ensino fundamental. (figura 49). A idéia do jogo é formar uma figura - tangran (figuras 50 e 51) utilizando todas as sete figuras do jogo com cores e formas geométricas de tamanhos diferentes. Esta experiência pode contribuir para o desenvolvimento da percepção, da imaginação, além do estímulo a resolução de problemas e a ampliação de repertórios e conteúdos sobre arte.

A sugestão da estagiária aos estudantes foi a construção de quatro jogos em papelão. Cada jogo deve conter 5 triângulos de vários tamanhos, 1 quadrado e 1 losango (figura 52).



Figura 49: Lauze, a obra e o jogo -Tangran  
Fonte: autora /2009



Figura 50: Socialização do jogo Tangran  
Fonte: autora /2009



Figura 51: Socialização do Tangran  
Fonte: autora/2009



Figura 52: Peças do Tangran  
Fonte: autora/2009

CAVALINHO FANTASIA obra de BERNARDO CARO:

1.“Os Sentidos” proposta de experiência de uma das pedagogas para crianças até 7 anos. A professora destaca para as crianças, o cavalo que o artista representou e os vários símbolos e cavalos percebidos frente à obra original. Em sala de aula, as crianças observam várias imagens de representação de cavalos e a partir deste repertório, estariam construindo em sucata um cavalinho de pau. Além disso, poderiam representar o cavalinho por meio de sons e movimentos, como: galope, relincho, movimentos lentos, rápidos, circulares, etc.

Em visita de estudos ao museu, após apreciação e leitura da obra, seria entregue para as crianças uma caixa surpresa (figura 53), com cavalinho de plástico, bolinha, lã e outros objetos não relacionados à obra. Ao tocar nestes objetos, sem os visualizarem, as crianças poderiam relatar suas sensações ao contato com os objetos (figura 54). Sensações, como: aspereza, frio, calor, volume, pequeno, grande, fino, etc.

Para a prática artística (figura 55 e 56) seria proposto as crianças que desenhassem com giz de cera branco em um papel branco e depois colorissem com anilina colorida, para perceberem a mágica do aparecimento dos desenhos após a pintura (como ocorreu na apreciação de todos os participantes da formação frente a obra de arte original). A atividade é focada em ações lúdicas, motivando as crianças a reconhecerem as suas próprias sensações e as envolvendo no universo lúdico da arte.



Figura 53: Caixa surpresa com cavalinho  
Fonte: autora /2009



Figura 54: Socialização da caixa surpresa  
Fonte: autora/2009



Figura 55: Profª Silvia demonstra a prática  
Fonte: autora /2009



Figura 56: Socialização da prática artística  
Fonte: autora/2009

2.“Misturando as pinturas rupestres” – proposta de experiência realizada por uma das estagiárias. (figura 57). A proposta aos estudantes/visitantes seria em realizar outra composição simétrica com o material com os quadrados, os pares e sua geometrização, depois desenhar com “palitinhos” os cavalinhos do molde vazado sob a cor que aparecerá (impressão) no papel branco. A estagiária propõe com o seguinte material: cartolina branca grande e papel colorido (cortado em quadrados) nas cores amarela, laranja, vermelha e azul e dois moldes vazados com a figura de cavalo e palitinhos, (figura 58) refletirem sobre a composição simétrica da obra de arte (figura 59). Após a realização perceber qual a cor que mais se destaca no trabalho.



Figura 57: Viviane demonstra a prática  
Fonte: autora /2009



Figura 58:Material para a prática artística  
Fonte: autora/2009



Figura 59: Planejando a composição  
Fonte: autora /2009



Figura 60: Daniel  
Fonte: autora/2009

#### PONTA SECA obra de FÚLVIO COLIN:

1. A proposta de experiência para pré-adolescentes de 12 a 14 anos, realizada por estagiário, pertencente a equipe do museu (figura 60). Os estudantes/visitantes trabalhariam em duplas (figura 61). A sugestão do estagiário é que um estudante posaria para que o outro pudesse desenhá-lo e pintá-lo, explorando, a partir de lápis de cor e/ou giz de cera, em papel branco, elementos como sombreando e profundidade. A prática tem por objetivo a visualização da forma, da proporção e do movimento como uma estátua (figura 62). Traria como referencial o futurismo<sup>40</sup> com a sobreposição de imagens, que sugere movimento e a técnica do desenho seqüencial (história em quadrinhos). Quando executassem os movimentos os desenhos tenderiam a abstração devido à observação e execução mais rápida do traço.



Figura 61: Trabalho em duplas  
Fonte: autora /2009



Figura 62: Posando "em movimento"  
Fonte: autora/2009

<sup>40</sup>Futurismo: Estilo artístico do início do séc. XX que procura captar a forma plástica, o movimento e a velocidade no espaço.

### SALA COM FLORES E MOÇA obra de SUELI BEDUSCHI:

1. “Transfiguração das imagens”- proposta de experiência de uma das estagiárias (figura 63). “Jogo da Memória” (jogo de observação – jogo da percepção) com imagens de objetos que estão ou não na obra de arte, como as imagens de TV, vaso de flores, castiçais, cadeira, ventiladores (figura 64). Este jogo poderia ser confeccionado pelos estudantes, relacionando os ambientes familiares de sua realidade social.



Figura 63: Larissa e a obra de arte  
Fonte:autora /2009



Figura 64: “Jogo da Memória”  
Fonte:autora /2009

A estagiária sugere ainda, que os estudantes façam um *link* com as outras produções da artista, pois a maioria das obras dela é em outra temática, a exemplo dos temas indígenas. Outra opção é comparar espaços como ambientes da casa, da escola, do museu em diferentes períodos históricos. Ou ainda propor aos estudantes que façam Diorama<sup>41</sup>, ou seja, que realizem uma produção, a partir da obra estudada em forma tridimensional, que poderia ser em uma caixa.

### 3.3.4 Refletindo sobre as propostas

A socialização dos materiais e das propostas trazidas pelos participantes da formação continuada possibilitou a todos a exposição dos processos de

<sup>41</sup> Diorama – reprodução da obra de forma tridimensional realista, podendo ser de tamanho real ou em miniatura.

aprendizagem, incluindo problemas encontrados na realização das propostas. Importante destacar, que o objetivo desta ação foi cumprido: reflexão sobre a relevância da articulação entre museu e escola, no sentido de concretizar ações que envolvam a arte, a cultura e os espaços culturais.

Ao refletir sobre as propostas acima, podemos destacar a ausência de articulação entre as sete obras, ficando cada participante com uma obra de arte e resultando em uma proposta especificamente.

Foi constatado que o FAZER predominou sobre a APRECIÇÃO, pois ainda permanece a idéia da atividade artística como “mais importante” numa proposta, e, a interação frente uma obra de arte “se perde” no decorrer do processo.

Algumas proposições foram elaboradas contemplando a proposta inicial que era a valorização da cultura, da arte... . E outras, realizadas de maneira rápida e sem conexão alguma, ou de pouca explicação.

A obra “Jardinagem” de Amandos Sell, não teve nenhuma proposta, devido a falta de duas participantes para o encontro de socialização.

Vale ressaltar que todas as propostas foram pensadas para o estudante/visitante (público-alvo da formação). E que também ocorreram propostas interdisciplinares.

Mas o destaque maior foi a TROCA de experiências entre os espaços da educação formal e não-formal, trazendo benefícios e ampliando seus conhecimentos a todos envolvidos para com as obras do acervo do MAJ.

As leituras e as produções das representações, independentemente da linguagem ou do suporte utilizado, são sintáticas, abertas e amplas, produzindo de maneira sugestiva sentidos de rememoração de conteúdo interno, por causa do significado conotativo utilizado. Apesar de a percepção ser imediata, sua compreensão requer do espectador/leitor/produtor um repertório mais amplo por meio de leituras e pesquisas.

A partir das vivências propostas, outras questões foram destacadas pelo grande grupo. Como: 1. “Como seria uma proposta de mediação cultural eficaz?”: 2. Como construir proposta para 30 estudantes/visitantes para um tempo de 2h de duração? 3. Como envolver a escola sobre a necessidade do conhecimento prévio do professor sobre a exposição, seu conceito, as obras expostas o(s) artista(s) e do espaço expositivo, como parte do currículo? 4. Como conquistar uma sala

permanente para a exposição do acervo do museu, para fins de estudo e pesquisa de longa duração (com pelo menos seis obras), pois conforme citaram \_” A apreciação estética leva tempo, pois todo dia é possível visualizar “coisas novas” e/ou diferentes na mesma Obra de Arte”. 5. Como formar equipes qualificadas para o trabalho de mediação nos espaços da escola e dos museus? 6. Como construir ações levando em conta o contexto sócio/cultural dos estudantes? 7. Como escola e museu podem construir projeto que priorize a elaboração de materiais didáticos e lúdicos relativos aos objetos/obras expostas para públicos de diferentes faixas etárias e contextos?

Além destas considerações é fundamental se levar em conta o respeito à diversidade, para garantir a verdadeira função destes espaços. Foi finalizada a formação continuada com a proposta e a necessidade de novos encontros, pois o grupo compreende que um dos caminhos possíveis para as mudanças necessárias e citadas acima, é a formação continuada.

A pesquisa contribuiu para a reflexão sobre a formação continuada, cabe agora as políticas públicas garantirem sua continuidade.

### 3.4 AVALIANDO O PROCESSO

No sentido de avaliar a formação continuada e conseqüentemente todo o processo da pesquisa, foi construído instrumento avaliativo (Apêndice C) aos participantes (educador de museus, estagiários e professores de arte). As respostas e reflexões dos envolvidos apontaram algumas mudanças na forma de pensar a mediação cultural e suas interlocuções interdisciplinares, desde o questionário/diagnóstico e as entrevistas informais, como podemos verificar a seguir.

O instrumento avaliativo contemplou três questões acerca de uma análise individual sobre os aspectos relevantes referentes aos processos de aprendizagem dos participantes sobre conceitos em mediação cultural, bem como questões relacionadas às possibilidades de ações e articulação entre museu e escola, conforme as respostas dadas:

Sobre a primeira questão: Em que medida os conceitos com relação à mediação cultural modificaram e/ou ampliaram após a formação continuada? A voz dos participantes:

(R.)<sup>42</sup> “Ampliaram, pois trouxe novas visões com relação ao museu e a escola. Ampliando no sentido de perceber que a mediação cultural pode e devem promover o acesso aos diversos “tipos de cultura”, seja na dança, na música, no teatro, nas artes visuais, trazendo o estudante aos espaços que propiciem estas linguagens e expressões, com um enfoque educacional/cultural.”

(R.) “A postura como mediador e segurança no modo de agir. Em tudo que se muda ou renova é necessário uma capacitação, coisa que até então não tinha sido feito. Ampliando significativamente ações/atividades que possam ser desenvolvidas nos espaços que proporcionam possibilidades de mediações – escolas e museus. No sentido de saber que é possível sim essa interação escola – espaço cultural e a própria comunidade.”

(R.) “Ampliou no sentido de que a mediação é algo mais do que somente ser um monitor, e fazer a mediação por um âmbito mais específico com o expectador...”

(R.) “Acredito que, na verdade, reforçaram meus conceitos sobre a importância/necessidade da mediação cultural. Várias etapas, iniciando no museu e culminada na escola. Essa mediação não tem fim está em constante processo de aprendizagem.”

(R.) “A troca de informações, os conflitos de opiniões nos fazem refletir sobre as ações desenvolvidas e em seguida o questionamento é inevitável. E como diz uma propaganda da TV cultura “O que move o mundo são as perguntas e não as respostas”. De um modo geral as reflexões foram muito importantes.”

Pelas respostas dos participantes, é possível verificar avanços no conceito sobre mediação cultural. A idéia de fragmentação (visita) passa a ser de relação entre escola-museu. Os participantes ampliaram suas concepções, no sentido de perceber o quanto é importante um trabalho em parceria, com planejamento e articulado ao currículo.

---

<sup>42</sup> (R.) – Resposta do instrumento avaliativo (não houve identificação)

A segunda questão: Comente como as propostas desenvolvidas sobre mediação cultural, desenvolvidas na formação continuada poderão contribuir em suas ações pedagógicas? Na voz dos participantes:

(R.)“Há uma preocupação com o público que está visitando o museu, com sua faixa etária, com sua vivência e uma proposta de mediação continuada vem a auxiliar nesse tratamento diferenciado para cada grupo.”

(R.)“As propostas desenvolvidas foram ricas, trazendo possibilidades de ampliação na prática pedagógica. Cada experiência vivenciada pode ser “aproveitada” e levada para a sala de aula, enriquecendo as práticas de cada professor.”

(R.)“Poderão, e já contribuíram em muitas situações vivenciadas. Nos trouxe ideais e soluções práticas para os “problemas” encontrados. Compreendo também que a partir do momento que se começa a pensar em mediação, visita ao museu ou outro espaço expositivo como um local onde traga um significado para os visitantes, estamos realmente cumprindo o papel da unidade (museu). A troca de informação com os professores foi muito rica. Através das suas falas, pude ver a infinidade de atividades de baixo recurso financeiro que pode ser desenvolvido.”

(R.)“Os exemplos – modelos de ações práticas apresentadas pelos participantes podem servir para atividades com os mais diversos tipos de público e faixa etária. A parceira escola/museu só tem a contribuir nas ações pedagógicas, uma vez que o museu está de portas abertas para essa mediação.”

(R.)“O fato de estar na sala de aula já é uma maneira de mediação com um conhecimento específico ao estudante, a mediação não se limita só a museus ou obras, mas nas vivências do dia-a-dia. A troca de experiências entre os profissionais que atuam no museu e quem trabalha na escola foi muito enriquecedora. Além disso, ver as apresentações sobre as obras nos processos de mediação revelaram outros aspectos mais interessantes sobre cada uma delas.”

(R.)“A arte nos trás um leque de idéias para ser trabalhado pedagogicamente. Não de forma chata, estagnada e sim aprender como uma grande brincadeira, efetivando o conhecimento.”

Vale ressaltar o quanto desenvolver uma formação continuada com múltiplos olhares: do professor de arte, do educador de museus, dos estagiários, foi importante para o entendimento de que é possível a construção de projetos

conjugados entre museu-escola, tendo como foco a mediação. Os participantes, por meio das trocas de experiências, de conhecimentos e saberes puderam ampliar seus repertórios: artístico, estético, poético, social, cultural e educacional e sentiram-se seguros em desenvolver as propostas criadas em sala de aula e no museu. Este fato comprova que a relação entre educação formal e não-formal é possível e imprescindível para que possamos compreender e viver neste contexto rizomático que é a nossa vida.

Esta questão é evidenciada também na terceira e última pergunta: Em sua opinião quais foram os aspectos mais significativos da formação continuada? Por quê? Na voz dos participantes:

(R.)“A junção entre educadores formais e não formais, ou seja, professores e mediadores de museus, pois houve uma troca muito significativa de experiências e visões a cerca do museu, da escola e dessa relação que se estabelece entre os dois.”

(R.)“A troca de experiências e de “olhares”! É importante ouvir o outro lado, saber quais são suas dificuldades para que possamos traçar objetivos comuns e estratégias reais para alcançar esses objetivos. A troca de informações, o compartilhamento de vivências é muito importante para o crescimento de todos.”

(R.)“Troca de experiências, juntarem pessoas que possuem objetivos comuns é bastante enriquecedor. Excelente oportunidade para atualização tanto na vida profissional quanto na pessoal. As discussões sobre a mediação cultural, pois elas são parte de uma formação. Isso mostra o quanto há a necessidade urgente de esse trabalho ser realizado.”

(R.) “Sem dúvida, o diálogo e a troca de experiências entre mediadores e professores porque são realidades que estão em espaços diferentes, mas que devem estar em sintonia para uma maior ampliação de conhecimento do aluno.”

(R.) “A formação teve carga horária adequada, e foi dividida de forma a não ficar cansativa. A parte teórica contemplou os aspectos necessários sobre a mediação, as referencias sugeridas são atuais e relevantes para o aprofundamento do assunto. Concluindo as dinâmicas de análise das obras e apresentação das mediações foi bem conduzida. Um espaço para descobertas, os diálogos e a análise de atividades.”

(R.)“O desenvolvimento do projeto foi muito importante para o desenvolvimento da formação, dessa maneira cada um colaborou para a formação do outro. A opinião, ou ponto de vista dos profissionais do museu e a dos professores. No geral não é muito diferente, somente o foco que difere. E o quanto a arte pode fazer a diferença para os alunos, possibilitando a construção da sua identidade.”

Na voz dos participantes percebeu-se o quanto as experiências estéticas são significativas para a reflexão sobre as práxis realizadas. A reflexão/ação são “[...] mudanças que transformam internamente as dinâmicas, escolar e museológica, repercutindo de forma fundamental no conjunto da sociedade” (CURY; CABRAL, 2006, *web*). Portanto, não há dúvida que a parceria entre museu e escola é imprescindível para a concretização de mudanças/ações.

O museu e a escola podem promover em seus respectivos espaços, ações educativas e interativas, contribuindo no sentimento de pertença e inclusão sócio-cultural dos sujeitos.

Refletindo sobre todo o processo de pesquisa e em especial sobre a formação continuada percebeu-se que tanto a escola quanto às instituições museológicas poderiam ampliar propostas que possibilitem aos indivíduos leituras de obras/objetos artísticos e do patrimônio cultural. Desta forma, a visita a exposições no espaço museológico, é um direito a ser respeitado e proporcionado pelas instituições de educação formal e não-formal aos estudantes.

Para além do tempo<sup>43</sup> de permanência no espaço museológico, é necessária a qualificação constante de equipes de mediação nos espaços da escola e dos museus; a consideração do contexto sócio/cultural dos estudantes; a elaboração do material de apoio às visitas; a elaboração de materiais didáticos e lúdicos relativos aos objetos/obras expostas para públicos de diferentes faixas etárias e contextos.

Identificou-se então, a partir da formação continuada que a presença de uma equipe especializada no museu é de grande importância para a efetivação de ações de mediação cultural. Uma equipe que seja qualificada a criar/construir jogos lúdicos, oficinas artísticas, propostas de leitura, registros, entre outras,

---

<sup>43</sup> Alguns relatos do diagnóstico do campo de pesquisa (3.1) descrevem que algumas escolas ficavam apenas 30 minutos em um museu, pois devem “aproveitar” a disponibilidade da condução para irem visitar os outros.

oportunizando o conhecimento prático e teórico aos estudantes, tendo como referência o patrimônio cultural, os espaços museológicos, as obras/objetos de arte e tudo que diga respeito às construções de identidades.

Na percepção dos participantes, tanto os educadores de museus quanto os professores de arte, a mediação cultural deve ser realizadas antes, durante e depois das visitas de estudos. Mais do que uma simples visita, a mediação exige de professores, educadores de museus e estagiários, planejamento, preparação, avaliação e redefinição de ações. A articulação entre saberes, experiência estética e conhecimento é fundamental nos processos de aprendizagem.

Foi analisado também que tanto a escola quanto as instituições culturais necessitam buscar parcerias e envolvimento nas propostas de mediação cultural, levando em conta, narrativas interdisciplinares, que favoreçam a compreensão do sujeito para com seu entorno.

O grupo entende também que o museu deve proporcionar experiências educacionais significativas, em que o estudante/visitante possa ter oportunidade de se apropriar do patrimônio exposto (obras/objetos de arte), promovendo a resignificação e efetivamente a formação cultural.

A aproximação a um quadro, a uma escultura ou a uma instalação reclama ultrapassar a sua materialidade sem excluí-la [...]. Relevos, linhas, cores, manchas, objetos, idéias materializadas são signos e podem cobrir significados diferentes. Abrir as portas para que o espectador sinta-se à vontade nessa aproximação com a obra é o desafio maior de um museu de arte (JUSTINO, 2006, sem paginação).

Este desafio é também o do contexto da escola, ou seja, envolver os estudantes no universo da arte, refletindo sobre seu valor estético, histórico e cultural. O sentimento de pertença aos espaços culturais e tudo o que o contém, é também compromisso da escola, uma vez que tem em seus princípios contribuir para o exercício de cidadania dos estudantes.

A dissertação aqui apresentada cumpre o seu papel principal: possibilitar o encontro e motivar a reflexão de um grupo de profissionais e estagiários, para questões referentes a mediação cultural. Esperamos que os participantes sejam

multiplicadores de conceitos e ações, e, que possamos contribuir para algumas mudanças relacionadas as parcerias institucionais, como museu-escola.

Muito ainda há por fazer outras pesquisas poderão dar continuidade as questões por nós levantadas. E, se nesta trajetória, se cada um tecer um fragmento que seja deste imenso rizoma, as mudanças poderão ocorrer mais intensamente, e, quem sabe, rapidamente. Mudanças estas que estarão envolvendo museu-escola a partir de programas parceiros.

Para uma melhor visualização das propostas de mediação cultural desta dissertação foi elaborado o fluxograma abaixo (figura 65).

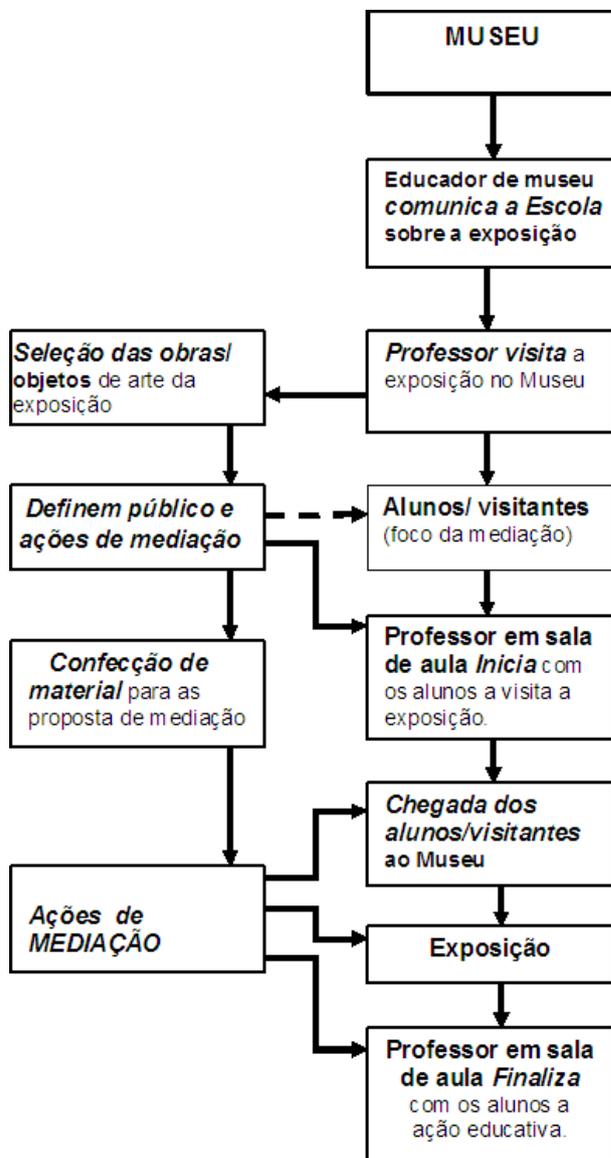


Figura 65: Fluxograma das ações de mediação cultural  
Fonte: autora/2009

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento de finalização do trabalho de dissertação, é imprescindível voltarmos ao problema inicial de pesquisa: Os espaços museológicos, aqui mais especificamente o Museu de Arte de Joinville, agregam proposta de mediação cultural? É levada em conta a faixa etária dos estudantes/visitantes que freqüentam esses espaços nas propostas de mediação cultural?

Para essas duas questões, algumas hipóteses são necessárias na reflexão sobre o objeto de pesquisa aqui estudado: A formação continuada pode contribuir nesse processo? Ou seja, essa ação, em nosso ponto de vista, pode ajudar nos processos compartilhados entre museu e escola e na construção de propostas de mediação cultural, prevendo um público diversificado e que soma histórias, vivências, saberes e conhecimentos, também diferentes.

Nesta perspectiva, a nossa trajetória de pesquisa esteve sempre articulada ao objetivo deste estudo: “Construir proposta de mediação cultural, por meio da relação museu e escola.”

No entanto, esta não é uma tarefa fácil e simples. Chegamos até aqui, após perpassar três longos capítulos, que envolveram revisão da literatura, estudos, participação em eventos científicos, nas aulas do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, orientações, vivências, conflitos e vários tipos de aprendizados.

O 1º capítulo “Patrimônio cultural e museus” foi sem dúvida a base estruturante de todo o processo de pesquisa, pois foi o norte para a incorporação de alguns conceitos que deram sustentação a esta pesquisa, como: patrimônio, cultura, tradição, sociedade, entre outros. Nesse capítulo foi também destacado o museu como espaço de pesquisa e reconhecimento/significação do processo histórico-cultural do país, além de divulgar, proteger e preservar, por meio de suas coleções, obras e objetos de arte o acesso e a participação de todos os cidadãos.

Neste sentido, contextualizar o MAJ possibilitou um olhar sobre o museu como um tempo /espaço para a compreensão da história do espaço arquitetônico, paisagístico e também de seu acervo, riquezas culturais de um povo e fonte de

inspiração para propostas que envolvam pesquisa e movimento dialógico entre presente, passado e futuro.

O 2º capítulo “Ação educativa em Museus de Arte”, ampliou o olhar dessa pesquisadora, ao reiterar a idéia da função educativa dos museus de arte e sua importância numa sociedade pós-moderna e interativa, pois a participação cultural dos indivíduos implica numa construção efetiva de identidades, que pode ser alcançada por meio de propostas de mediação cultural.

Porém, esse capítulo também levanta algumas problemáticas referentes à realidade na qual foi realizada essa pesquisa. Nesse momento foi perceptível a relevância dos aspectos estruturais, administrativos, pedagógicos e políticos para o desenvolvimento de propostas de mediação cultural.

Todavia, foi no 3º Capítulo “Formação continuada: proposta de mediação cultural”, que realmente colocamos em prática todo o aprendizado apropriado. Esse foi também o capítulo mais complexo, denso e do qual os processos de aprendizado da pesquisadora e de todos os envolvidos na formação foi desafiador.

Para além de todos os problemas encontrados ao longo da pesquisa, voltamos ao ponto inicial: “a construção de proposta em mediação cultural, tendo o museu e a escola como sustentáculo para a realização da referida proposta”.

Durante a pesquisa, foi possível perceber que o MAJ recebe um número considerável de crianças e adolescentes das Redes Públicas de Ensino. A partir desse dado, é preciso considerar numa proposta de mediação cultural a faixa etária dos estudantes, os saberes e conhecimentos trazidos por eles e os contextos, pois desta forma as interações entre conhecimento sensível e cognitivo, permeados pelas vivências estéticas, estarão em plena sintonia. Foi o que apontou essa pesquisa.

Cabe então a escola promover o acesso de seus estudantes aos bens artísticos por meio de visita de estudo a espaços culturais, de maneira mais efetiva. É também fundamental, que na construção dos currículos essas ações não sejam compreendidas apenas como procedimento metodológico, mas, principalmente como apropriação de conhecimentos/saberes, que dão sustentação as disciplinas, como: arte, história, filosofia, literatura, entre outras.

Outra questão bastante preocupante apontada nessa pesquisa foi a quase ausência de políticas educativas para a mediação cultural, que priorize aspectos

referentes à construção de conhecimentos do público com a obra/objeto de arte, bem como, maior interação entre o museu, a universidade e a escola.

A ausência de articulação efetiva e contínua entre os espaços formais e não-formais da educação foi outro aspecto identificado, o que sinaliza a carência de uma proposta integrada entre as instituições para que as propostas de mediação cultural se concretizem. São medidas, como: a inclusão destas ações no currículo escolar de Joinville; traslado para professores e estudantes, liberação de professores para formação continuada, entre outras, necessárias para a efetivação das propostas de mediação cultural.

A parceria do museu com a escola é indicada como positiva para que as ações educativas ocorram sistematicamente. Esta articulação, entre os espaços formais e não-formais da educação, possibilita uma maior participação dos indivíduos nos espaços de cultura e melhor compreensão/ interpretação do patrimônio cultural. Confirma-se, deste modo, que a relação entre a educação formal e não-formal é de grande benefício aos estudantes/visitantes, por contribuir na construção de cidadãos éticos, ativos, participativos e com maior responsabilidade social.

A formação continuada poderia ser em outro lugar... No entanto, a nossa presença no MAJ e o universo por ele apresentado, é único. A emoção em estar frente a frente com as Obras de Arte originais, nos possibilitou “novas leituras” e resignificações importantes para o processo de edificação do saber e elaboração das propostas de ações interdisciplinares.

Compreendemos, portanto, que a formação continuada é um aprendizado que amplia nossos conhecimentos de forma dialógica/reflexiva, e, conseqüentemente aumenta nosso repertório histórico, artístico, estético/conceitual e cultural. Por outro lado, se somos sensibilizados podemos contribuir nos processos de sensibilização, pertença e construção de identidades junto aos estudantes.

É isso que nos interessa e foi isso que importou durante nosso percurso, passando pelos estudos, pela pesquisa de campo, pela avaliação do processo, por um olhar navegador... Algumas vezes preocupada, assustada, em outras, desafiadora, desbravadora, e, sobretudo, aberta a outras tantas infinitas descobertas. É isso que uma pesquisa deve proporcionar aos pesquisadores e aqueles que embarcam nesta desconhecida nave dos saberes e de devires.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática. *In*: ESTEVES; STOER (orgs.) **A sociologia na escola: professores, educação e desenvolvimento**. Porto: Ed. Afrontamento, 1992.
- ARSLAN, Luciana M.; IAVELBERG, Rosa.(coord) Pessoa A.M. **Ensino da arte**. São Paulo, Thomson Learning, 2006. Coleção Idéias em Ação.
- BRASIL, Constituição da República Federativa - **Art. 216**. Disponível em <[http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988\\_08.12.2004/art\\_216\\_.htm](http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988_08.12.2004/art_216_.htm)> Acesso em 04 dez. 2008.
- CABRAL, Magaly. **Educação em museus como produto: quem está comprando?** (CONFERÊNCIA DE NAIROBI, 2002) Boletim CECA-Brasil, n.1, 2002.
- CARVALHO, M.C.M.P. Espaços de Cultura e Formação de Professores/Monitores. *In*: LEITE, M.I.; OSTETO, L.E. (orgs.). **Museu, educação e cultura; encontro de crianças e professores com a arte**. Campinas: Papirus, 2005. Série Ágere.
- CURY, Marília Xavier; CABRAL, Magaly. Parcerias em educação e museus - Publicado *In*: **Anais do III Encontro Regional da América Latina e Caribe – CECA/ICOM**, São Paulo: MAB/ FAAP, 2006. Disponível em: [http://www.icom.org.br/Parcerias % 20 em %20 Educa% C3% A30% 20e% 20 Museus. pdf](http://www.icom.org.br/Parcerias%20em%20Educa%C3%A3o%20e%20Museus.pdf). Acesso em: 26 out. 2008.
- DA MATTA, Roberto. A antropologia no quadro das ciências. *In*: DA MATTA. **Relativizando – uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.p.17-85.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- EFLAND, Arthur D. (art.). Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-moderno. *In*: GUINSBURG e BARBOSA. **O pós modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.p.173-188.
- FAVARETTO, Celso. Entre a proximidade e o estranhamento: a mediação e o público. *In*: MARTINS; SCHULTZE; EGAS (orgs.). **Mediando [con]tatos com arte e cultura**. São Paulo: UNESP/Instituto de Artes. Pós-graduação; v.1, n.1, p.32-35, nov. 2007.
- FUSARI, José C. **Formação contínua de educadores: um estudo de representações de coordenadores pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SMESP)**. Tese (Doutorado) -- Faculdade de Educação/USP, São Paulo, 1997.

GANZER, A. A. (art.) Turbilhão de Sentimentos e Imaginações: As crianças vão ao museu ou ao castelo... *In*: LEITE; OSTETO (orgs.). **Museu, educação e cultura**; encontro de crianças e professores com a arte. Campinas: Papirus, 2005. p.85-115.

GOHN, Maria da Glória. (ensaio). **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em 12 fev. 2009.

GONÇALVES, M. [et lat], BALDIN, N., ZANOTELLI, C. T., CARELLI, M.N., FRANCO, S. **Fazendo Pesquisa**: do projeto à comunicação científica. Joinville: UNIVILLE, 2008.

GRINSPUM, Denise. Entre o encontro e a provocação: a ação mediadora. *In*: MARTINS; SCHULTZE e EGAS (orgs.). **Mediando [con]tatos com arte e cultura**. São Paulo: UNESP/Instituto de Artes. Pós-graduação; v.1, n.1, p.43-45, nov. 2007.

GUERREIRO, Walter Q. (curador). Texto dos Curadores – MAJ 30 anos. *In*: **Catálogo MAJ 30 anos**. Joinville: FCJ/Fundação Cultural de Joinville, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HÖGE, Holger. (art.) Estética experimental: origens, experiências e aplicações. *In*: FRÓIS, J. (coord.). **Educação estética e artística**: abordagens transdisciplinares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p.29-66.

JUSTINO, Maria José (curadora). Texto dos Curadores – MAJ 30 anos. *In*: **Catálogo MAJ 30 anos**. Joinville: FCJ/Fundação Cultural de Joinville, 2006.

KERSTEN, Márcia S. A. **Os rituais de tombamento e a escrita da história**: bens tombados no Paraná entre 1938-1990. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

KÖPTCKE, Luciana S.; CAZELLI, Sibeles; LIMA, José Matias. **Museus e seus visitantes**: relatório de pesquisa - perfil-opinião 2005. Brasília; Gráfica Editora Brasil. 2009. Disponível em: [http://www.fiocruz.br/omcc/media/5\\_relatorio\\_museu.pdf](http://www.fiocruz.br/omcc/media/5_relatorio_museu.pdf). Acesso em 02 jun. 2010.

LAGES, Vinícios; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (orgs.). **Territórios em movimento**: cultura e identidade com estratégia de inserção competitiva. Brasília: Relume Dumará/SEBRAE, 2004.

LEITE, M. Isabel; OSTETO, Luciana E. **Arte, infância e formação de professores**: autoria e transgressão. São Paulo: Papirus, 2004.

LEITE, M. Isabel. (art.). Museus de arte: espaços de educação e cultura." *In:* \_\_\_\_\_; OSTETO, L.E. (orgs.). **Museu, educação e cultura**; encontro de crianças e professores com a arte. Série Ágere. Campinas: Papyrus, 2005.p.19-54.

LEONTIEV, Dmitry A. (art.) Funções da arte e educação estética. *In:* FRÓIS, J. (coord.). **Educação estética e artística**: abordagens transdisciplinares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p.127-145.

MAGALHÃES, Aloísio. Áreas culturais. *In:*\_\_\_\_\_.**E Triunfo?**: a questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.p.149-177.

MAGALHÃES, Fernando. **Museus patrimonio e identidade**: ritualidade, educação, conservação, pesquisa, exposição. Portugal/ Porto: Profedições, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste. Conceitos e terminologia. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de arte. *In:* BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 49-60.

\_\_\_\_\_.Expedições instigantes. *In:*\_\_\_\_\_(org.). **Mediação**: provocações estéticas. São Paulo: UNESP/Instituto de Artes. Pós Graduação; v.1, n.1, out, 2005.p.10-21.

MARTINS a, Mirian Celeste (org.). **Mediação**: provocações estéticas. São Paulo: UNESP/Instituto de Artes. Pós Graduação; v.1, n.1, out. 2005.

MARTINS, Mirian Celeste (coord.) (art.). **Curadoria educativa**: inventando conversas. Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul; vol. 14, n.1, jan/jun 2006. p.9-27. Disponível em: <http://www.cvps.g12.br/centropedagogico/pdf/Artes/n1em/CURADORIA%20EDUCATIVA-vers C3%A 3o%20final-2.pdf>. Acesso em 02 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. “[Con]tatos com mediação cultural: um ciclo de conversações no SESC Pinheiro/SP”. *In:*\_\_\_\_\_; SCHULTZE; EGAS (orgs.). **Mediando [con]tatos com arte e cultura**. São Paulo: UNESP/Instituto de Artes. Pós-graduação; v.1, n1, nov. 2007.

MARTINS, Mirian C. e PICOSQUE, Gisa (coord). **Museu, educação e o lúdico** [DVD] / livro texto, Instituto Arte na Escola (org.). Série DVDteca Arte na Escola - Material educativo para professor - propositor; 123. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. Rio de Janeiro: Instituto Sangari/ Rio Prefeitura, 2008.

MOSIMANN, Marina H. M. Texto de Apresentação: MAJ 30 anos de arte. *In:* **Catálogo MAJ 30 anos**. Joinville: FCJ/Fundação Cultural de Joinville, 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História; n.10, São Paulo: PUC-SP, 1993.

OLIVEIRA, Pécisio S. **Introdução a sociologia**. São Paulo: Ática, 2000.

OTT, Robert W. Ensinando crítica nos museus. *In*: BARBOSA, Ana M. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997. p.111-139.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PILLAR, Analice; VIEIRA, Denise. **O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte**. Porto Alegre: UFRGS/Fundação lochpe, 1992.

SANTA CATARINA. **Alicerces da memória: 60 bens tombados pelo estado de Santa Catarina**. Florianópolis: Tempo Editorial e Secretaria de Estado da Informação, 2003.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SIMSON, P. PARKS, M. e FERNANDES, R. (Orgs.) **Educação não-formal: cenários de criação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SIMSON, Olga R.; GOHN, Maria G.; FERNANDES, Renata. **Não-fronteiras: universos da educação não formal**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *In*: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2008.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURINO, Célio. **Uma gestão cultural transformadora: Proposta para uma Política Pública de Cultura**. Disponível em: [http://www.cultura.gov.br/programas\\_e\\_acoes/cultura\\_viva/noticias/materias\\_especiais/index.php?p=10425&more=1&c=1&pb=1](http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/cultura_viva/noticias/materias_especiais/index.php?p=10425&more=1&c=1&pb=1) 2006. Acesso em: 06 mar.2009.

WEBER, Max. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. *In*: FERNANDES, Florestan (org). **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

#### Sites pesquisados

CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. **Educador de museu deve atuar como mediador entre público e acervo**. Disponível em: <http://www.cempec.org.br/modules/news/article.php?storyid=169> de 10/02/2009. Acesso em: 22 out. 2009.

ICOM - **Conselho Internacional de Museus**. *Site* oficial. Disponível em: [http:// www. icom.org.br](http://www.icom.org.br), Acesso em: 26 out. 2008.

IPHAN – **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em: [http:// portal. iphan.gov.br/ portal/montar PaginaSecao.do?id =11175& retorno= paginalphan](http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=11175&retorno=paginalphan)>. Acesso em 04 dez. 2008.

LEI nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. *Site* oficial do **Planalto do Governo do Brasil**. Disponível em: [http:// www. planalto. gov. br/ccivil 03/ Ato 2007-2010/ 2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm). Acesso em 14 de mai. 2009.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Sistema brasileiro de museus**. *Site* oficial. Disponível em: [http://www.\(museus.gov.br/downloads/decreto\\_n\\_5.264\\_de\\_05novembro\\_ de\\_ 2004. pdf.\)](http://www.museus.gov.br/downloads/decreto_n_5.264_de_05novembro_de_2004.pdf) Acesso em: 22 out. 2008.

PREFEITURA DE JOINVILLE. **História da cidade de Joinville**. *Site* oficial. Disponível em: <http://www.joinville.sc.gov.br>. Acesso em 28 out. 2009.

SEMSC - Sistema Estadual de Museus SC. **Cadernos de diretrizes museológicas 1**. Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais; Belo Horizonte: Superintendência de Museus, 2002. *Blog* oficial. Disponível em: <http://blogdosemsc.blogspot.com/>. Acesso em 01 mai. 2010.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

#### PROJETO DE PESQUISA DE MESTRADO

#### MEDIAÇÃO CULTURAL: AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE.

- Investigar a partir de questões que abordem o papel social, educativo e comunicativo do MAJ com o diretor de museu, educadores de museu e os mediadores/estagiários.

1. Como o MAJ construiu seu plano diretor? E se este plano diretor tem relações com as políticas externas? Qual o seu ponto de vista?
2. Qual a função social de um museu? Como o MAJ realiza esta função?
3. Existe uma proposta de mediação cultural no MAJ? Se existe, qual? Se não existe, qual o impedimento?
4. De que forma o trabalho de mediação cultural é orientado? Por quem? Quais ações estão sendo pensadas e concretizadas?
5. Quais os pressupostos conceituais e metodológicos que norteiam as ações educativas no MAJ?
6. Quais ações têm sido pensadas e efetivadas para com o acervo do MAJ?
7. Como o MAJ interage com a comunidade? E com a escola? Quais dificuldades encontradas nesse processo?

## APÊNDICE B

## MATERIAL DIDÁTICO

## FORMAÇÃO CONTINUADA

Fundação Cultural de Joinville –  
Casa da Cultura “Fausto Rocha Júnior”“Mediação cultural: proposta educativa numa perspectiva  
contemporânea”

Formadora: Maria Bernadete Garcia Baran de Oliveira

Local: Museu de Arte de Joinville - MAJ

Parcerias: Fundação Cultural de Joinville (Casa da Cultura/Galeria, Museu de Arte de Joinville e Museu Fritz Alt) e Grupo de Trabalho – GT Educação não-formal do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE – UNIVILLE.

**Objetivo:** Construir proposta de mediação cultural para o espaço do MAJ, Galeria e Museu Fritz Alt, desenvolvendo trabalho compartilhado entre mediadores (estagiários) e educador de museu, a fim de se pensar em ações com foco na interação entre os espaços formais e não-formais da educação.

**Objetivo Específico:**

Coordenar grupo de estudos com mediadores no sentido de construir plano de ação que aponte o trabalho de mediação cultural como fundamental na construção de identidades.

Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE  
PROGRAMA DO CURSO DE MESTRADO EM PATRIMÔNIO  
CULTURAL E SOCIEDADE

## “MEDIAÇÃO CULTURAL: AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE”

Pesquisadora: Maria Bernadete Garcia Baran de Oliveira

Orientadora: Silvia Sell Duarte Pillotto

Co-orientadora: Mirian Celeste Ferreira Dias Martins

**Objetivo:** Construir uma proposta de mediação cultural, como ação educativa no MAJ, bem como tornar-se uma constante, a exposição das obras de seu acervo, no espaço expositivo do MAJ.

### ***MUSEU QUE LUGAR É ESTE ?***

Museu como espaço educacional não formal e interativo aberto ao público com uma linguagem pertinente a sua faixa etária e grau de conhecimento, priorizando a parceria entre escola e comunidade.

### ***QUEM É O MEDIADOR CULTURAL ?***

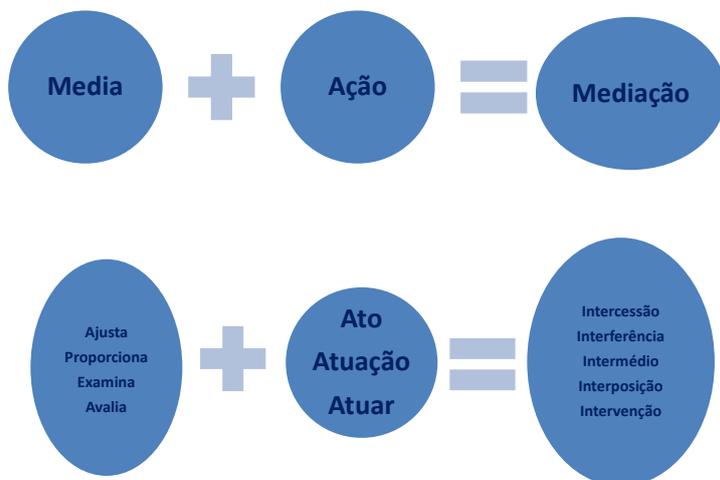
Sujeito capacitado que cria ações lúdicas e/ou educacionais, estas possibilitam a compreensão das obras e objetos de arte por diferentes públicos e/ou estudantes.

### ***FUNÇÃO DO MEDIADOR CULTURAL***

- ✓ Provocar a descoberta e o encantamento;
- ✓ Acolher de maneira única cada grupo;
- ✓ Conhecer e/ou investigar o repertório cultural de seu público;
- ✓ Relacionar a exposição ao cotidiano do público/visitante;
- ✓ Assessorar os visitantes na elaboração de sentidos;
- ✓ Facilitar a leitura das obras através de questionamentos e atividades;
- ✓ Considerar o lugar social e cultural de seu público;
- ✓ Estar preparado para oferecer dados e parâmetros sobre as obras em exposição;
- ✓ Possibilitando ao educando/visitante uma experiência única, desde o momento de sua chegada ao museu.

### ***É PRECISO QUE O MEDIADOR . . .***

“[...] veja-se e veja o outro como participante cultural pleno, como protagonista cultural que vai ampliando seu raio de ação e de compreensão nos combates que os signos lhe proporcionam” (PERROTTI, 2007, p.125).



### A MEDIAÇÃO CULTURAL . . .

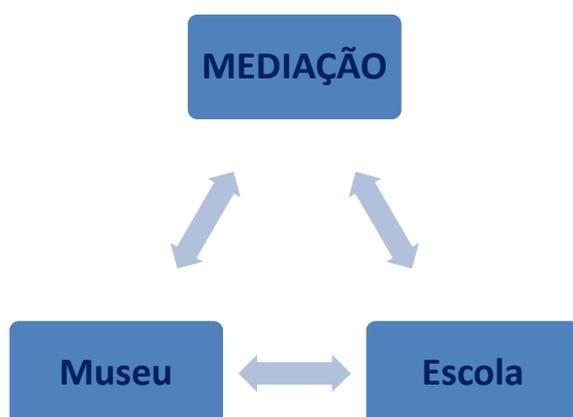
“[...] um gesto que atua efetivamente na produção de novos significados culturais: ou seja, à medida em que ela própria compreende o mediador como componente essencial da trama que sustenta a construção de sentidos dos objetos estéticos, como protagonista cultural” (PERROTTI, 2007, p.125).

## A MEDIAÇÃO

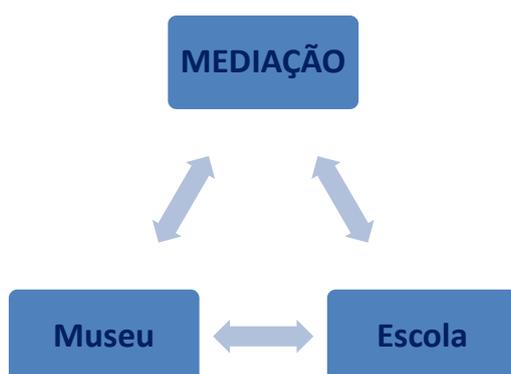


### ESSAS RELAÇÕES PODEM SER AMPLIADAS E RESIGNIFICADAS, POIS

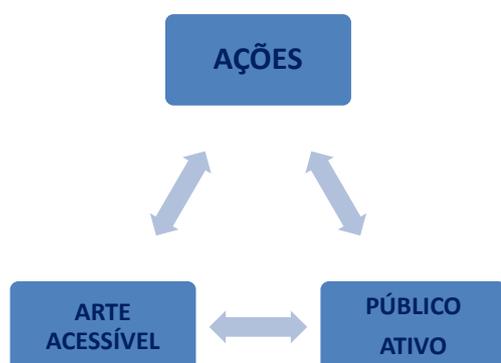
“[...] a mediação cultural envolve o informar, o fazer perceber o que poderíamos chamar de “códigos cultos”, mas por outras vias. Mais do que isso, envolve capturar o sujeito para entrar numa experiência” (MARTINS; PICOSQUE, 2008, p.51).



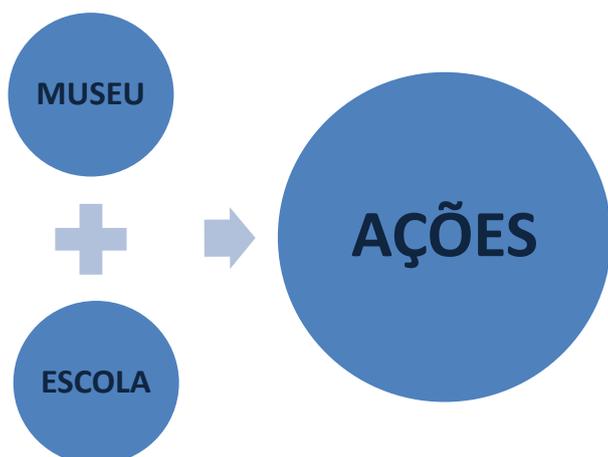
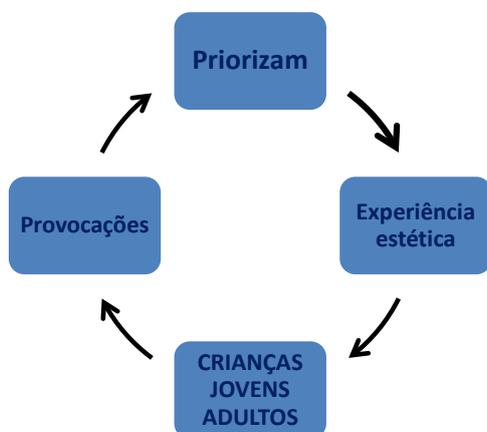
## O MEDIADOR CULTURAL



## O MEDIADOR CULTURAL



## AS AÇÕES DO MEDIADOR



## AÇÕES



“[...] mediar o encontro da criança com a arte, de forma lúdica e significativa, levando em conta os aspectos sócio-culturais e a história de vida de cada uma delas, atrelada a história da humanidade” (MARTINS; PICOSQUE, 2006, p.05).

### **AÇÃO EDUCATIVA**

Procedimentos que promovem a educação no museu, tendo o acervo como centro de suas atividades.

- ✓ Voltada para a participação, reflexão crítica e transformação da realidade social.
- ✓ Visando ao desenvolvimento de uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca.

### **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

“[...] ensino centrado no objeto cultural, na evidência material da cultura. Ou ainda, como o processo educacional que considera o objeto como fonte primária do ensino” (SANTOS *apud* LEITE, 2005, p.35).

### **CURADORIA EDUCATIVA**

“explorar a potência da arte como veículo de ação cultural. (...) constituindo-se como uma proposta de dinamização de experiências estéticas junto ao objeto artístico exposto perante um público diversificado”(VERGARA, 1996, p.243).

### **LEITURA DAS OBRAS DO ACERVO DO MAJ**

Ott (1997, p.126) Sua proposta envolvem o: (aquecimento/sensibilização) e a leitura crítica em museus (descrevendo, analisando, interpretando, fundamentando e revelando).

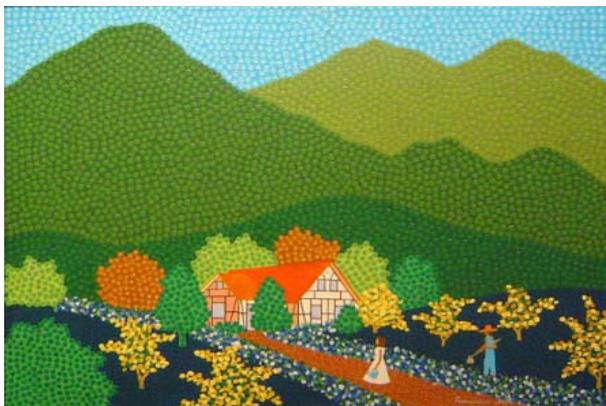
- ✓ ***Thought Watching*** (aquecimento/sensibilização).

O aquecimento/sensibilização são práticas que acontecem antes mesmo dos estudantes/visitantes entrarem no espaço expositivo.

- ✓ ***Image Watching*** (descrevendo, analisando, interpretando, fundamentando e revelando). descrição (observação da obra), análise (leitura dos elementos formais), interpretação (resignificação a partir da percepção e interação com a obra), fundamentação (conhecimento do campo da História da Arte e do contexto) e revelação (ato de expressão artística e/ou produção).

**A seguir as sete obras de arte que fazem parte do acervo do Museu de Arte de Joinville.**

**Amandos Sell**<sup>44</sup> - 1944 - Joinville SC.



“Jardinagem”<sup>45</sup> 1976

- Pintura – óleo s/ tela
- 49 X 68,5 cm
- Aquisição em janeiro de 1977
- Tombo – 107
- Pintor autodidata. Embora desde criança tivesse consciência de sua vocação para pintura, somente em 1979 se tornou profissional.
- Pintura primitivista com toques pontilista (de pontos sobre pontos).
- A temática principal de suas obras é o paisagismo rural do interior joinvilense, onde as casas em enxaimel e seus amplos jardins estão sempre em destaque.

**Fúlvio Colin**<sup>46</sup> - 1953 – Joinville



“Ponta seca”<sup>47</sup> – 1993

- Pintura – óleo s/ tela
- 110 X 90 cm -1993
- Aquisição em junho de 98
- Tombo - 583
- Transferiu-se para São Paulo em 1972 – 1993.
- Fez cursos de Comunicação Visual, Desenho e Pintura.
- Coordenou grupos, em atelier aberto em São Paulo no início da década de 90.
- Retorna à Joinville em 1993, onde ministrou curso de desenho de observação com modelo vivo junto à Casa da Cultura de Joinville.

<sup>44</sup> Catálogo da Fundação Catarinense de Cultura – Museu de Arte de Santa Catarina (Biblioteca do MAJ) exposição “Regards du Brésil Méridional” Honfleur - Les Greniers de l’Art – 14 jul. - 15 out 2004.

<sup>45</sup> Fonte: Imagem de Adilson Lipinski – 2007 - acervo MAJ.

<sup>46</sup> Catálogo da XXVII COLETIVA DE ARTISTAS DE JOINVILLE- FCJ - MAJ de 26/11/1997 à 30/12/1997 (Biblioteca do MAJ)

**Suely Beduschi<sup>48</sup> - 1943 – Ibirama SC**



“Sala com flores e moça”<sup>49</sup> – 1974

- Pintura – óleo s/ tela
- 72 X 52 cm - 1974
- Aquisição em junho.1975
- Tombo - 028
- Desenhista, pintora e escultora
- Aulas com professores particulares
- Em 1972 inicia ativamente sua participação do movimento artístico em Santa Catarina
- Procura nas matas devastadas, troncos, braços e cipós que possam dar expressão à sua imaginação fértil.

**Bernardo Caro<sup>50</sup> - 1931, Itatiba (SP) - 16/09/2007, Campinas (SP)**



“Cavalinho fantasia”<sup>51</sup> - 1972

- Pintura – óleo s/ tela
- 100 x 100 cm - 1972
- Aquisição – dezembro.1973
- tombo – 031
- Em 1964 firmou-se como artista plástico, fez parte do Grupo Vanguarda.
- Na década de 1970 participou de várias versões nacionais e internacionais da Bienal de Arte Moderna de São Paulo.
- 1979-82 Foi educador e professor universitário, PUC de Campinas e depois à Unicamp.
- 1997 - 2006 foi vice-cônsul da Espanha em Campinas e região.
- Filho de imigrantes andaluzes, sua arte era um ponto de união entre a tradição da pintura espanhola e a temática brasileira.

<sup>47</sup> Fonte: Imagem de Adilson Lipinski – 2007 - acervo MAJ.

<sup>48</sup> Pesquisa no Biblioteca MAJ

<sup>49</sup> Fonte: Imagem de Adilson Lipinski – 2007 - acervo MAJ.

<sup>50</sup> Disponível em: <http://www.Agencia.Fapes.br/materia/7761/noticias/luto-em-dobro>. e <http://www.cgi.unicamp.br/unicamp/divulgacao/indice/2008/8?page=2> Acesso em 24.06.2009.

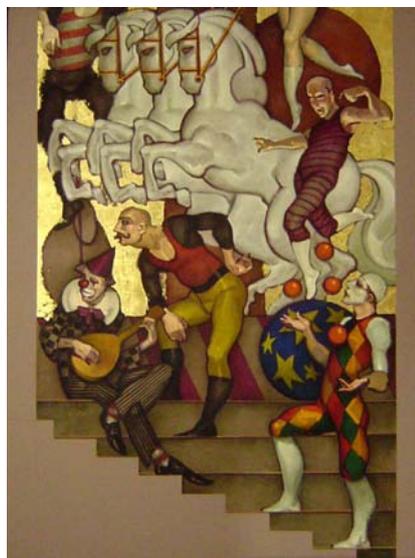
<sup>51</sup> Fonte: Imagem de Adilson Lipinski – 2007 - acervo MAJ.

**Juarez Machado** - 1941 – Joinville - vive em Paris – França desde 1986

- Pintura – óleo s/ tela
- 130 X 100 cm
- Aquisição em junho de 2003
- Tombo - 632



“O grande circo”<sup>52</sup> - acervo do MAJ<sup>53</sup>



série “O circo”<sup>54</sup> - 1997

Pintor, escultor, desenhista, caricaturista, jornalista, cenógrafo, escritor e ator. Formado pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em Curitiba nos anos 60. Em 1978 pretendendo internacionalizar seus trabalhos viajou para Nova Iorque e Londres. Possui ateliês em Joinville, Rio de Janeiro e Paris.

**Aloísio Silveira de Souza**<sup>55</sup> - 1936 – Florianópolis – SC



“Pandorgas”<sup>56</sup> 1972

- Pintura – óleo s/ tela
- 82 x 42 cm
- Aquisição em agosto de 1972
- Tombo – 013
- Autodidata, dedicou-se inteiramente à pintura a partir de 1971.
- Seus trabalhos com características da pintura primitiva. Emprega os pincéis com o toque pontilhista.
- Prefere nos entreabrir as portas de um mundo que um dia existiu dentro de cada um de nós.

<sup>52</sup> Estudo do portal/mural. Acervo do MAJ Fonte: texto e imagem do Blog do artista pesquisado em 24.06.2009 em [http://www.jmachado.com/blog/juarezphotos/divers/?num\\_page\\_album=2](http://www.jmachado.com/blog/juarezphotos/divers/?num_page_album=2)

<sup>53</sup> Juarez Machado fez doação deste estudo a Prefeitura da Cidade de Joinville.

<sup>54</sup> Fonte: Imagem de Adilson Lipinski – 2007 - acervo MAJ.

<sup>55</sup> Acesso em 24. 06.2009 Pesquisado em <http://souzil.sites.uol.com.br/>

**Antonio Mir**<sup>57</sup> - 1950 - Lorca – Murcia/Espanha. Retornando em 1992



“s/título”<sup>58</sup> - 1993

- Pintura – óleo s/ tela
- 96 x 43 cm
- Aquisição em outubro de 1979
- Tombo - 181
- Em 1958 veio ao Brasil e radicou-se em Joinville.
- Considerado um dos mais férteis e polêmicos artistas da terra. Um dos pioneiros a partir da década de 1960.
- Em 1973 a nostalgia da cor e da pintura plana, sempre com preocupações geométricas. (Harry Laus)

## REFERÊNCIAS

LEITE, M.I. art. “Museus de arte: espaços de educação e cultura.” *In*: \_\_\_\_\_ et OSTETO, L.E. (orgs.). **Museu, educação e cultura**; Encontro de crianças e professores com a arte. Série Ágere. Campinas: Papyrus, 2005.p.19-54.

MARTINS, PICOSQUE MARTINS, Mirian C. e PICOSQUE, Gisa (coord). **Museu, educação e o lúdico** [DVD] / livro texto, Instituto Arte na Escola (org.). Série DVDteca Arte na Escola - Material educativo para professor - propositor; 123. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006.

MARTINS; PICOSQUE. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. Rio de Janeiro: Instituto Sangari/ Rio Prefeitura, 2008.

OTT, Robert W.“Ensinando crítica nos museus”. *In*: BARBOSA, Ana M. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997. p.111-139.

PERROTTI, EDMIR. “Entre formas e forças: práticas de formação cultural” *In*: **Mediando [co]ntatos com arte e cultura**. São Paulo: USP, 2007. (p.125)

PILLAR, Analice; VIEIRA, Denise. **O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte**. Porto Alegre: UFRGS/Fundação lochpe. 1992

VERGARA, Luiz Guilherme. **Curadorias educativas**. Rio de Janeiro- Anais ANPAP,1996.Disponível também em: <http://www.arte.unb.br/anpap/vergara.htm>. Acesso em 10 mai. 2009.

<sup>56</sup> Fonte: Imagem de Adilson Lipinski – 2007 - acervo MAJ.

<sup>57</sup> Catálogo da XXV COLETIVA DE ARTISTAS DE JOINVILLE- FCJ - MAJ. 14/07/1995 à 15/10/1995 (Biblioteca do MAJ) e Catálogo da Exposição MIR. Síntese – 15 ANOS. ( 1966- 1980) - FCJ - MAJ. 04 à 28/06/1981 1995 (Biblioteca do MAJ).

<sup>58</sup> Fonte: Imagem de Adilson Lipinski – 2007 - acervo MAJ.

## APÊNDICE C

## INSTRUMENTO AVALIATIVO

**UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE UNIVILLE**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA**  
**MESTRADO DE PATRIMÔNIO CULTURA E SOCIEDADE**  
**NÚCLEO DE PESQUISA EM ARTE NA EDUCAÇÃO – NUPAE**  
**FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE**

A pesquisa “Mediação cultural: ação educativa no Museu de Arte de Joinville – MAJ”, que está vinculada ao NUPAE e ao Mestrado de “Patrimônio Cultural e Sociedade”, desenvolveu formação continuada, tendo como participantes estagiários das unidades da FCJ, Casa da Cultura (Galeria VK), MAJ e Museu Casa Fritz Alt, educadores de museus e professores de arte da rede pública.

Esse instrumento avaliativo tem como objetivo analisar aspectos relevantes referentes aos processos de aprendizagem dos participantes sobre conceitos em mediação cultural, bem como questões relacionadas as possibilidades de ações e articulação entre museu e escola. Agradecemos à colaboração de vocês, entendendo que esse instrumento avaliativo poderá nortear futuras propostas no que se refere à mediação cultural.

**Instrumento Avaliativo**

1. Os seus conceitos com relação a mediação cultural modificaram e/ou ampliaram após a formação continuada? Em que sentido?

---

---

---

---

2. As propostas desenvolvidas sobre mediação cultural desenvolvida na formação continuada poderão contribuir em suas ações pedagógicas? Comente.

---

---

---

---

3. Em sua opinião quais foram os aspectos mais significativos da formação continuada? Por quê?

---

---

---

---

## ANEXOS

## ANEXO A

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “MEDIAÇÃO CULTURAL: AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE”, o objetivo deste estudo é “Construir proposta de mediação cultural para o espaço do MAJ, desenvolvendo trabalho compartilhado entre mediadores (estagiários), educadores e diretor de museu, professores e escola, a fim de se pensar em proposta de ação com o foco na interação entre os espaços formais e não-formais da educação.”

Este estudo tem a importância de desenvolver mediação cultural no Museu de Arte de Joinville para valorizar o acervo lá existente, a mediação prevê ações compartilhadas no espaço formal e não-formal da educação, como função educativa no Museu/MAJ.

A coleta de dados se dará através da formação de um grupo de Estudos com mediadores (estagiários), educadores e diretor de museu, professores e também na realização de entrevistas orais com os funcionários do Museu de Arte de Joinville.

Sua participação é voluntária e você terá a liberdade de se recusar a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza. Você também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, terá livre acesso aos resultados do estudo e garantido esclarecimento antes e durante a pesquisa, sobre a metodologia ou objetivos.

Você terá garantia de acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. A investigadora é a Mestranda Maria Bernadete Garcia Baran de Oliveira que pode ser encontrada pelo telefone (47) 3028-6227.

É importante saber que não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

É garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, e do uso de sua imagem (fotos e/ou filmagem). Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, sem que os nomes dos participantes sejam divulgados.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética em pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) Campus Universitário – Bairro Retiro, Caixa Postal 246 - CEP 89201-974 – Joinville – SC.

Eu .....concordo voluntariamente em participar da pesquisa “MEDIAÇÃO CULTURAL: AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE”, conforme informações contidas neste TCLE, que está impresso em duas vias.

Joinville – SC - \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante  
da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Maria Bernadete G. Baran de Oliveira  
Assinatura da pesquisadora responsável

## ANEXO B

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Maria Bernadete Garcia Baran de Oliveira do projeto de pesquisa intitulado “MEDIAÇÃO CULTURAL: AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE” a realizar as fotos e/ou filmagens que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou filmagens para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora responsável, acima especificado.

Conforme Resolução 196/96, III3, i; “Prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico-financeiro.”

Joinville – SC - \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

\_\_\_\_\_  
Assinatura Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Maria Bernadete G. Baran de Oliveira  
Assinatura da pesquisadora  
responsável pelo projeto